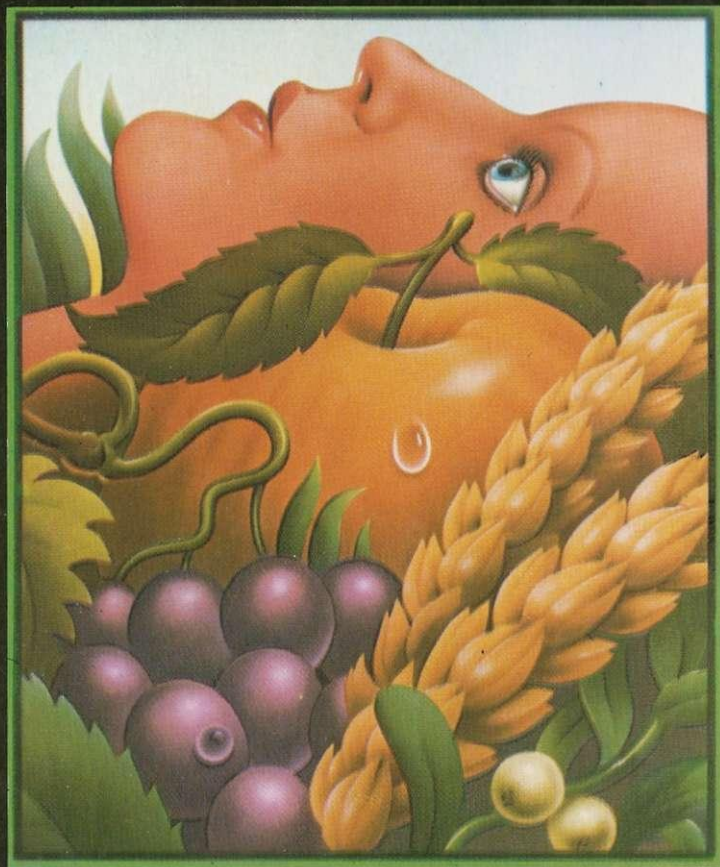


W. B. CROW

PROPRIEDADES  
OCULTAS DAS

# ERVAS & PLANTAS

Seu uso mágico e simbolismo astrológico  
O ritual das plantas e suas poções mágicas





## PROPRIEDADES OCULTAS DAS ERVAS & PLANTAS

Revela o fascinante papel desempenhado pelas ervas e plantas na alquimia, astrologia, medicina, magia e religião. Inclui notas sobre rituais com frutas, culto a Baco, drogas vegetais, poções mágicas de efeito afrodisíaco, ervas planetárias e plantas do Zodíaco.



**PROPRIEDADES  
OCULTAS DAS  
ERVAS & PLANTAS**

#### **NOTA**

*Advertimos aos leitores que não devem usar quaisquer das ervas mencionadas aqui, exceto sob a orientação de um herborista idôneo. Mesmo plantas medicinais comuns podem ser perigosas nas doses diferentes, ou se a parte errada da planta for tomada.*

W. B. CROW

PROPRIEDADES  
OCULTAS DAS  
ERVAS & PLANTAS

Seu uso mágico e simbolismo astrológico  
O ritual das plantas e suas poções mágicas

*Supervisão da Série*

MAXIM BEHAR  
NORBERTO DE PAULA LIMA

*Tradução:*  
**Lindbergh Caldas de Oliveira**  
e  
**Helena Avramopoulos Hestermann**

*Composição, Revisão e Arte:*  
**Estúdio Behar**

*Título original:*  
**THE OCCULT PROPERTIES OF  
HERBS AND PLANTS**

© Copyright 1980 by A. M. Crow

ISBN 0 85030 196 3

© Copyright 1982 by Hemus Editora Ltda.  
Mediante contrato firmado com The Aquarian Press

*Todos os direitos adquiridos para a lingua portuguesa  
e reservada a propriedade literária desta publicação pela*



**hemus editora limitada**

01510 rua do gloria 312 liberdade caixa postal 9686  
fone 2799911 pabx telex (011) 32005 edil br  
endereço telegráfico hefec  
são pau/o sp brasil

**Impresso no Brasil/Printed in Brazil**



# índice

## 1 A natureza das ervas

O relacionamento genético das plantas — Tipos de plantas —  
Algas — Fungos — Líquens — Samambaias — Gimnospermas  
Angiospermas. . . . . 9

## 2 Ervas como alimento

Os sete cereais — Sua origem misteriosa — Mito e Magia — Os  
mistérios de Elêusis — O rei e a rainha do feijão — Domingo do  
"carling" — O culto à maçã — Sortilégios com maçãs — Outros  
rituais com frutos — A cerimônia japonesa do chá — Outras  
tisanas. . . . . 13

## 3 Ervas que curam

Propriedades ocultas — Ayur-veda, o sistema hindu — Moxa —  
Doutrina das características — Tratamentos com ervas —  
Homeopatia. . . . . 20

## 4 Drogas e venenos

Bebidas alcoólicas fermentadas — O açúcar natural — A cerveja  
de amido — Tabaco — Ópio — Mescalina — Cânhamo indiano —  
Outras drogas vegetais — Cânfora: um perigoso excitante —  
Afrodisíacos — Afrodisíacos mais conhecidos — Plantas vene-  
nosas — A rainha-mãe dos venenos. . . . . 27

## 5 Ervas na alquimia

O elixir da juventude — Outros frutos — O sangue de Prometeu  
Palingenésia — Geração espontânea. . . . . 35

## 6 Ervas na astrologia

As estações — As plantas e a Lua — O relógio floral — Ervas  
planetárias — Ervas solares — Ervas lunares — A regência de  
Marte sobre plantas bienais - Plantas vivazes herbáceas — Plan-  
tas vivazes arbóreas - Plantas zodiacais. . . . . 38

## 7 Ervas na magia

Os druidas e a erva-de-passarinho — Os rosa-cruzes e a rosa —  
Poções mágicas do amor — O amor-perfeito — As ervas na pro-  
fecia — Centáurias-azuis — Plantas usadas na feitiçaria — Antí-  
dotos contra macumbas e coisas do gênero — Árvores como  
oráculos. . . . . 43

## 8 Ervas na religião

Néctar — Os mistérios cristãos — Padrões complexos — Os cris-  
tãos nestorianos — A intinção no Oriente — O incenso — Óleos  
sagrados — O linho. . . . . 48

## 9 Simbolismo das ervas

Os símbolos dos deuses — Simbolismo das plantas entre gregos  
e romanos — Símbolos de santos — Símbolos da virtude — Er-  
vas e árvores heráldicas. . . . . 53

## 10 Plantas míticas

A árvore cabalística da vida — A árvore da vida escandinava —  
A "árvore-Bodhi" — As três sementes — O homem arquetípico  
— Elementares e dementais (espíritos das árvores) — Metamor-  
fose — A bernaca — Alfabeto da árvore druídica. . . . . 56

## 11 Cascas e madeiras

Inodoras — Madeiras — Madeiras de grande durabilidade — Ma-  
deiras com propriedades medicinais. . . . . 60

## 12 Resinas e bálsamos

Gomas — Resina vegetal — Dádivas usadas em magia — Resinas  
— O incenso em cultos — O incensório — Óleos de resinas —  
Óleos. . . . . 63

**Índice remissivo** . . . . . 69

# 1/ A natureza das ervas

Considerando-se as plantas tal como realmente são, e não quanto ao seu uso e propriedades medicinais, pode-se classificá-las, grosso modo, em ervas, arbustos e árvores com alguns estágios intermediários, tais como as vegetações rasteiras.

As ervas são desprovidas de caule, murcham no inverno e atravessam essa estação fria como um resistente tubérculo subterrâneo semelhante à madeira, ou morrem e permanecem apenas as sementes originantes de uma nova planta. Às vezes, essa parte subterrânea constitui-se de um caule provido de protuberâncias não-verdes com vários formatos e denominações, tais como rizoma, tubérculo, colmo, bulbo, aos quais estão anexadas as raízes e radículas<sup>1</sup>.

A configuração da parte do caule que se situa acima do solo varia grandemente conforme a disposição das folhas, se agrupadas ou afastadas entre si.

## O relacionamento genético das plantas

Apesar da enorme diferença existente entre os milhares de espécies de plantas conhecidas, há uma certa estrutura comum à grande maioria delas. Hipócrates (460-377 a.C.), grande taumaturgo da Antigüidade, reconheceu o caráter particular das plantas, ou seja, cada planta é uma unidade composta de subunidades. Cada unidade é um broto, ou caule sem folhas. Um número reduzido de brotos, ou somente um deles, pode ter raiz ou radículas anexas à base.

Em época mais recente, anterior ao advento do darwinismo, o grande iniciado em ciências ocultas Goethe (1749-1832), concebeu a doutrina da *Planta Primordial* ("Urpflanze"), o padrão ou forma de vida existente como um arquétipo arcano em todas as espécies vegetais superiores. Não se trata da ancestralidade no sentido evolutivo, mas de uma realidade expressa pelo parentesco intrínseco, o qual implica um relacionamento genético donde se infere a possível descendência de um ancestral comum.

Em 1790, na obra *Metamorfose das Plantas*, Goethe demonstrou como o broto vegetativo ou não reprodutor das plantas superiores é sucedido pela flor ou broto reprodutor, equivalente ao homólogo ou precedente, princípio este aceito universalmente na botânica atual.

### 1 Pequenas raízes.

Entretanto, era fato conhecido, mesmo entre povos antigos, a não-conformidade, que algas-marinhas e cogumelos apresentam em relação a estes padrões, pois não possuem caules, folhas, ou raízes, e muito menos o equivalente a flores. É bem verdade que as algas marinhas dispõem de lóbulos semelhantes a folhas e hastes, porém um exame mais cuidadoso mostra que sua disposição não é idêntica àquela presente em plantas florescentes onde as folhas originam-se dos *nós*, às vezes separados por distâncias denominadas *entrenós*. O corpo do cogumelo, na verdade, é um simples entrelaçamento celular fibróide e sua frutificação não é de forma alguma equivalente à de uma flor.

### **Tipos de plantas**

Deste ponto em diante delinearíamos os principais grupos de plantas a fim de que o leitor menos informado sobre botânica possa saber quais os tipos de plantas a que nos referiremos na parte posterior deste livro.

Antes de mais nada, deve-se adiantar que há um grande número de espécies vegetais desprovidas dos três principais órgãos não-reprodutores (raiz, caule e folhas), sem mencionar as flores. Ao invés disso todas elas possuem uma parte não-diferenciada, chamada *talo*. Nesta ampla divisão existem três classes principais: algas, fungos e líquens.

### **Algas**

Na classe das algas incluem-se as plantas marinhas, os aguapés de água doce, e um vasto número de organismos microscópicos que constituem grande parte da vegetação flutuante marinha (plânctons). Estes (e grande parte das espécies existentes em águas estagnadas) constituem-se aparentemente, de forma individual, em uma única célula.

Muitos dos limos são meros filamentos de células, por vezes bastante ramificados.

Em regiões litorâneas oceânicas, encontramos o lençol de células verdes, chamado alface-do-mar, mas a maioria das algas-marinhas é de coloração parda (leófitas), ou vermelhas (rodófitas) e algumas delas de matiz pardo, são de tamanho gigantesco. As algas-marinhas só vivem em águas relativamente rasas, em locais próximos às praias, pois necessitam de luz para a fotossíntese.

Certas algas possuem reprodução sexuada, quase sempre através de esporos que flutuam ou se deslocam na superfície das águas. Também se reproduzem assexuadamente por meio de fragmentação. Seus órgãos reprodutores são minúsculos.

## **Fungos**

Os fungos, ao contrário das algas, vivem em terra. Muitos são parasitas de plantas terrestres. Outros, vivem em matérias em decomposição no solo. Conseqüentemente, não apresentam pigmentação verde (clorofila) e prescindem da luz.

Os cogumelos podem ser plantados em porões úmidos. A parte não-reprodutora de um fungo é uma simples massa de filamentos bastante ramificados (micélio), como, por exemplo, no caso do cogumelo, porém, seus órgãos reprodutores são geralmente grandes. Aquilo a que denominamos de cogumelos são, na verdade, os seus próprios órgãos reprodutores (florescência), que produzem milhões de esporos.

## **Líquens**

Os líquens são, na verdade, organismos terrestres duplos formados pela simbiose de um fungo com uma alga. Seus órgãos reprodutores são diminutas cópias daqueles dos fungos. De fato incluem-se entre os fungos, mas as demais partes deste não são uma massa de filamentos ramificados e sim um talo achatado ou lobulado semelhante ao de uma alga marinha.

Isto ocorre devido ao líquen associar-se a um certo número de algas pequenas que o ajudam a sintetizar sua alimentação com o auxílio da luz. Deve-se a isso a configuração semelhante à de uma folha, apresentada pelos líquens.

Os musgos são pequenas plantas folhosas dotadas de caules, mas não possuem raízes. Formam-se órgãos sexuais nos musgos e o embrião produzido cresce, não para transformar-se em outro musgo, e sim numa estrutura produtora de esporos que permanece ligada à planta do musgo. Os esporos reproduzem novas plantas de musgo. As hepáticas são análogas aos musgos, porém geralmente rasteiras e algumas apresentam lóbulos ao invés de folhas separadas.

## **Samambaias**

Ao se analisar as *Felicíneas* (Samambaias), observa-se o desenvolvimento completo das partes assexuadas, já que estas possuem raízes, caules e folhas. Nas regiões tropicais, algumas samambaias chegam a ter a altura de uma árvore. A maioria delas possui folhas longas divididas em facíolos. Nelas são produzidos os esporos.

Os esporos não se transformam em novas samambaias ao crescerem, mas, em um objeto minúsculo e verde, semelhante às folhas, chamado *prótalo*. Este contém os órgãos sexuais que originarão uma nova samambaia.

Um ciclo de vida parecido pode ser visto nos licopódios que se

assemelham a musgos superdesenvolvidos, mas não têm relação alguma com eles, e nas plantas *rabo-de-cavalo*, que por mais estranho que pareça, apresentam folhas bem pequenas.

### **Gimnospermas**

Vejamos agora as Gimnospermas que possuem entre seus espécimes, algumas das árvores mais altas que se conhece. O cone é a parte reprodutora. Há dois tipos de cones, o feminino e o masculino. Na verdade, os dois produzem esporos sendo que o feminino germina dentro do óvulo produtor da semente após sua fertilização pelo tubo polínico que é produzida pelo pólen do cone masculino.

Há dois tipos de plantas gimnospermas, um deles apresentando grandes folhas compostas, como, por exemplo, a samambaia. Este inclui as cicadácias. O outro tipo apresenta folhas pequenas adaptadas a climas mais frios. Neste tipo pode-se citar os lariços, pinheiros, e os teixos, adaptados a regiões mais frias onde formam florestas. As cicadácias, por exemplo, vivem em regiões tropicais.

### **Angiospermas**

Consideremos agora as plantas Angiospermas, ou seja, aquelas que apresentam florescência, cujos órgãos de reprodução são constituídos pelas folhas. Sua flor difere da de uma gimnosperma no tocante aos óvulos formadores de sementes que serão envolvidos por uma estrutura chamada *ovário*. Assim como nas gimnospermas, os esporos femininos são produzidos no óvulo formando uma espécie de bolsa de embrião que constitui o ovo, enquanto que os esporos masculinos formam o tubo de pólen portador da célula masculina para a fertilização do ovo.

As Angiospermas são uma classe de plantas bem ampla, com grande variedade de formas, e crescem nos mais diversos meios ambientes. Dividem-se em duas subclasses, as monocotilédones, distintas tecnicamente por apresentarem apenas uma folha de semente ou cotilédone, e as dicotilédones, que possuem duas. Se porventura crescem entre árvores, sua estrutura interna é bem diferente no tronco.

As monocotilédones possuem folhas com nervuras dispostas em paralelo e não apresentam caule. Com raras exceções, os elementos florais apresentam-se em configurações duplas ou triplas (floris-trímeras) e não há distinção entre pétalas e sépalas.

As dicotilédones possuem folhas nervuradas dispostas em forma de rede, geralmente caules e elementos florais, com tendência a apresentarem configurações em quadras ou quintetos (flores tetrâmeras e pentâmeras) e, na maioria das vezes, as sépalas são pequenas e verdes, contrastando com as cores vivas apresentadas pelas pétalas,

em geral.

As gramíneas são monocotilédones com flores não diferenciadas. Relacionam-se intimamente com as ciperáceas.

Os lírios e plantas aparentadas, tais como o croco, o croco-do-ou-tuno, a cebolinha, o jacinto, a tulipa, o inhame, o narciso, o gengibre e as orquídeas, geralmente possuem folhas diferenciadas e grandes bulbos subterrâneos. As palmeiras e aráceas apresentam várias flores pequenas, geralmente acompanhadas de uma folha enorme chamada espata. O lírio da família Arum é um bom exemplo. Todas são monocotilédones.

As dicotilédones são ainda mais numerosas. Dentre elas incluem-se o amento, com folhas não-diferenciadas como nos salgueiros e choupos, o mirto do pântano, a noqueira, a bétula, o amieiro, a aveleira, as betuláceas, a faia, o castanheiro-doce, o carvalho, o olmo, e certas ervas como a urtiga, o quenopódio e o morrião-dos-passarinhos.

Outra subdivisão das dicotilédones inclui flores com pétalas cuja separação é perfeitamente visível, como, por exemplo, no botão-de-ouro, nas papoulas, nas crucíferas, na família das rosas, ervilhas, gerânios, e no grupo azevinho, nos salgueiros, parreiras, malvas, violetas, mirtos, no grupo da salsa e em muitas outras plantas.

Para finalizar, um grupo com flores visíveis, contendo pétalas unidas, inclui os urzais, as primulas, os limônios, as gencianas, as oliveiras, os freixos, as lilases, a família das urtigas, batatas, ervas-dedal, garanças, cucurbitáceas, o girassol e o grupo das margaridas, nas quais muitas flores minúsculas (florículos) formam uma única calátide.

## 2/ Ervas como alimento

A magia por meio de simpatias repousa na crença de que algo que acontece a qualquer coisa depende, de alguma forma, do que sucede a alguma outra coisa com a qual foi estabelecido um elo mágico.

Atualmente, encaramos o nosso alimento diário apenas como mais um artigo de consumo. Comida é simplesmente comida, sem quaisquer conjecturas metafísicas. Poucas pessoas, hoje em dia, têm a humildade de agradecer a Deus por isso. Entretanto, para o homem primitivo cujas forças espirituais eram freqüentemente personificadas, tanto os animais quanto os vegetais eram considerados manifestações de uma dádiva divina.

## **Os sete cereais**

Em nenhum outro contexto esse fato é tão óbvio quanto nos sete principais cereais que constituíam a alimentação básica do homem do período Neolítico, quando se iniciou a prática da agricultura. Era hábito, nessa época, utilizar forças ocultas da magia a fim de assegurar o crescimento das plantações e afastar da comunidade o fantasma da fome.

Essas práticas mágicas persistiram até épocas posteriores na história da humanidade e foram incorporadas à religião, como demonstra Sir James Frazer na obra *The Golden Bough* ("O Ramo de Ouro"). O espírito do milho era personificado de várias maneiras, por um ser humano ou até mesmo um animal. Este era sacrificado, ou aparentemente sacrificado, e, ressuscitava, simbolizando a nova sementeira.

Os cereais são membros da família das gramíneas, que diferem das espécies silvestres por produzirem grande quantidade de sementes. O trigo é nativo da Inglaterra, região Mediterrânea e Ásia Ocidental. Nas cerimônias, era simbolizado pela mãe do trigo, noiva do trigo, homem do trigo, ou cachorro, lobo, cabra, vaca, ou porca.

O centeio é principalmente um cereal nativo da Alemanha e da Rússia, ambos famosos por seu pão de centeio. Era simbolizado pela mãe do centeio, por uma mulher idosa, ou por um cachorro, lobo, cabra, ou porca. A aveia é cultivada nas regiões mais setentrionais da Europa, já que o mingau é o prato nacional da Escócia. Era simbolizada pela mãe do centeio, noiva do centeio, também por um garanhão, uma vaca, cabra, porca ou lobo.

O milho era cultivado originariamente apenas na América, onde os nativos tinham a sua mãe do milho, ou deusa do milho.

O arroz é um cereal que apresenta boas condições de cultivo em regiões tropicais úmidas, sendo alimento de primeira necessidade no sul da Ásia, onde havia cerimônias da noiva e do noivo do trigo, da mãe do trigo e da filha do trigo.

Vários tipos de painço são cultivados na Itália, Alemanha, e em muitas regiões secas da Ásia. Venera-se o deus do painço entre os nativos da tribo Ainu ao norte do Japão.

## **Sua origem misteriosa**

Como vimos, todos os cereais parecem ser membros da família das gramíneas, da qual diferem simplesmente pelo fato de apresentarem sementes grandes e abundantes. Os biólogos sustentam que isso se deve à seleção artificial ao longo dos séculos. Segundo eles, os cereais não seriam o que hoje são sem a interferência do homem em sua produção.

Os teosofistas, que por seu turno estão convencidos do fato de



que cada espécie de planta possui sua alma coletiva, naturalmente interpretam esse relacionamento planta-homem como um elo oculto especial, semelhante àquele existente entre o homem e seus animais domésticos.

Há uma outra tradição entre algumas escolas de teosofistas. Acreditam os seguidores desta corrente que o homem, em certo estágio de sua evolução, foi auxiliado por alguns iniciados vindos do planeta Vênus. Eles têm razões para acreditar nessa teoria, e a recente idéia de viagens interplanetárias faz-nos parecer bem provável que seres mais adiantados possam ter estado na Terra em alguma etapa de sua evolução.

Além do mais, alega-se que tais seres deram à humanidade não apenas uma orientação moral ou social, mas trouxeram consigo grãos de trigo a fim de prover-nos um vegetal de qualidade superior. Também trouxeram formigas e abelhas para produzirem mel e fertilizarem flores. Sua opinião é de que o homem produziu o centeio em imitação ao trigo, por meio de geração seletiva. Também acreditam que a aveia e a cevada são vegetais híbridos criados a partir de certas gramíneas terrestres.<sup>1</sup>

Devemos acrescentar que o milho é, provavelmente, o cereal mais modificado pela intervenção humana.

### **Mito e Magia**

Do ponto de vista materialista, o pão é o suporte da vida, por permitir que o corpo realize satisfatoriamente tarefas diárias. Do ângulo espiritual, simboliza a permanência da parte imortal no homem, ou seja, simbolicamente, o alimento espiritual e celestial de *Swedenborg*, o maná dos céus. Esta era a crença geral antes do advento do cristianismo.

Os gregos cultuavam Demetér como sua deusa do milho, a qual era mais conhecida (entre os romanos) pelo nome latino de Ceres. De acordo com a opinião de alguns historiadores, Demetér representa apenas a deusa da cevada.

Em duas ocasiões, Ceres, como a denominaremos, afastou-se do Olimpo, a morada dos Deuses. Em outras palavras, seu gesto fez com que as plantações de cereais comesçassem a morrer por toda parte. Numa dessas ocasiões, isso foi causado pela perda de sua filha Proserpina (Persífona para os gregos), levada às profundezas da Terra por Plutão, rei do Império dos Infernos, para torná-la sua esposa. Após isso, Proserpina obteve permissão para retornar à Terra, por seis ou (segundo alguns) nove meses.

**1 A. E. Powell, *O Sistema Solar*, Londres, 1930.**

Em outra ocasião, o desaparecimento de Ceres dos céus foi culpa de seu irmão Netuno que a fez cair em desgraça e retirar-se para uma caverna sendo atraída pelos deuses que se entretiam de forma barulhenta à porta da mesma. Ceres, tomada de enorme curiosidade, saiu para verificar o que era e foi persuadida a acompanhá-los. A mesma estória é encontrada com várias semelhanças na mitologia japonesa, fala da rainha do sol Amaterasu e seu irmão.

### **Os mistérios de Elêusis**

O conteúdo moral de ambos os mitos é óbvio. A propriedade física do milho é a conservação da saúde do corpo. Sua propriedade oculta era a preservação do bem-estar da vida espiritual do homem. Mas, de que maneira esta seria realizada? O mito seria posto em prática através dos ritos. O mais famoso dos ritos dessa deusa era a *Eleusinia* entre os cretenses e gregos, e o *Tesmofoia* entre os gregos. Esses dois rituais achavam-se intimamente relacionados.

Os mistérios de Elêusis são tidos como os de maior significação na iniciação religiosa do mundo clássico. Seus cultos eram estritamente secretos, mas, todos os homens ilustres da Antigüidade os freqüentavam, à exceção de Sócrates. Supunha-se que foram introduzidos por Cadmo (1550 a.C), Eritreu (1399 a.C), ou Eumolpo (1356 a.C.), e só foram abolidos pelo imperador romano Teodósio I (389 d.C), após serem difundidos por toda Roma.

Nos mistérios de Elêusis, o culto a Ceres, a deusa do milho, era associado ao de Baco, deus do vinho. Era o prenúncio da utilização do pão e vinho no sacramento cristão, que será analisado mais detidamente no capítulo "Ervas na Religião".

### **O rei e a rainha do feijão**

Chegamos agora às leguminosas, tais como o feijão, a ervilha e as lentilhas. No antigo festival romano de *Lemúria*, feijões pretos eram atirados sobre túmulos e também queimados. Achava-se que, juntamente com outras práticas, como batidas de tambores e emissão de palavras mágicas, evitava-se que fantasmas de pessoas mortas viessem importunar os vivos.

Por outro lado, parece que os legumes eram consumidos com certa reverência durante funerais, fazendo-nos crer que suas propriedades ocultas tinham o objetivo de unir os vivos aos mortos.

Diz-se que Pitágoras proibia a seus discípulos o consumo de feijão. Alguns historiadores acreditam que isso estava relacionado com a proibição de ocuparem cargos públicos, já que tais funções eram con-

**1 Veja à página 48.**

seguidas à custa de votos arrecadados na forma de feijões. Aristóteles dizia que o feijão representava a lascívia. Assim sendo, a proibição do uso de feijão significaria castidade.

Também se sugeria, via de regra, que o comportamento rebelde seria caracterizado por ervilhas e feijões numa analogia ao crescimento selvagem e incontrolável de seus brotos.

Durante a véspera do Dia de Reis, na França medieval e Inglaterra, eram escolhidos jovens para representarem o papel de um rei e uma rainha. Escondiam-se dois feijões num bolo enorme, repartido entre os componentes do grupo. Ao rapaz e à moça que tivessem a sorte de tirar os feijões eram concedidos determinados privilégios.

De forma bem parecida, o Senhor da Desordem era escolhido na véspera do Dia de Todos os Santos para servir na Corte do Rei até a Candelária. Era uma espécie de bobo da corte, e, na Escócia, era chamado de Abade do Absurdo. Este costume foi abolido em 1555, mas vestígios de práticas semelhantes foram preservados nas Universidades.

### **Domingo do "carling"**

É mais conhecido como Domingo da Paixão. Também era chamado de Domingo da Abstinência. Neste dia havia o costume de se comer uma espécie de feijão chamada "carling". Este era colocado de molho, e após frito com manteiga, jogado fora. Já vimos que o feijão era associado a funerais e no Domingo da Paixão celebrava-se, antecipadamente<sup>1</sup>, o funeral de Cristo.

O feijão e as ervilhas representavam a alma dos mortos. Os feijões, nesse dia, eram levados ao altar e abençoados pelo clero romano. Este ritual também era praticado pela igreja grega. A semente após o plantio precisa ser regada. A não ser que seja enterrada, não crescerá. (*João*, XII, 24-25). A humildade mais profunda é simbolizada pela cerimônia fúnebre. Por isso (no Oriente) alguns iogues praticavam originalmente o ritual de serem enterrados vivos.

### **O culto à maçã**

Dizia-se que as maçãs, após as glandes, constituíam o principal alimento do homem primitivo. Porém, à parte seu valor nutritivo, pode-se perceber, através de numerosas crendices e superstições antigas, que na Antigüidade as maçãs eram relacionadas com o amor.

Na véspera de Natal, ou do Dia de Reis, até o começo deste século, ainda estava em voga na Inglaterra e alguns países europeus o culto

**1** Porque a Quaresma, cuja duração é de 40 dias, representa as quarenta horas decorridas entre a crucificação e a ressurreição.

à maçã. O objetivo era garantir uma boa colheita. Incluía visitas ao pomar, passeios entre as árvores, recitações relativas à fertilidade, batidas nas árvores com pedaços de pau, ou chutes, barulhos intensos, brindes (bebia-se sidra à saúde das árvores), mergulhavam-se galhos em sidra, ofereciam-se torradas, queijo e maçãs assadas, despejava-se sidra nas raízes das macieiras. Algumas vezes um garoto subia numa árvore para, com isso, personificar o espírito da mesma.

Em outras, o espírito era personificado por uma espécie de cotovia, corruíra, ou tordo americano, que, em eras antigas, eram sacrificados. Vem daí o antigo costume da caça à corruíra e da rima infantil "Who killed cock-robin?" (Quem matou o tordo-macho?). Em alguns lugares tocava-se violino após o que o violinista colocava sua cabeça nos joelhos de cada donzela presente e dizia o nome de seu futuro marido.

### **Sortilégios com maçãs**

Um pouco antes do Dia de São Miguel, as jovens solteiras colhiam maçãs silvestres e nelas escreviam as letras iniciais de seus pretendentes, deixando-as secar. No Dia de São Miguel, as examinavam e as iniciais que estivessem mais visíveis eram consideradas como as dos prováveis maridos.

No Dia de São Simão ou de São Judas, descascavam-se maçãs, e as cascas eram jogadas ao chão com o objetivo de formarem as iniciais do nome do futuro marido.

Um outro tipo de adivinhação realizada habitualmente no Dia de Todos os Santos, era a de se pegar com a boca maçãs penduradas num barbante ou boiando em um balde. Se uma moça que estivesse penteando seus cabelos tendo uma maçã na boca, se colocasse em frente a um espelho, poderia, acreditava-se, ver a imagem de seu futuro marido. Um casal, repartindo uma maçã, provavelmente casaria.

Todas estas crendices relacionam-se com a mitologia. As maçãs de ouro de Hespérides, por exemplo, foram dadas a Juno por Júpiter no dia de seu casamento.

No casamento de Peleus e Tetis, quando todos os deuses e deusas estavam presentes, exceto a deusa da discórdia, que não fora convidada, esta, inesperadamente, surgiu e jogou em meio aos convidados uma maçã de ouro com a inscrição "*Tara a mais bela*" (Juno, Minerva e Vênus), julgamento este cujo veredito deveria ser dado por um mortal. Paris foi escolhido para ser o juiz, tendo premiado Vênus, precipitando dessa forma a Guerra de Tróia.

Em outra estória, a bela porém atlética princesa Atalanta, para ver-se livre de seus inúmeros pretendentes, disse que casaria com

aquele que conseguisse vencê-la numa corrida. Nenhum deles teve sucesso até o dia em que Hipómanes aceitou o desafio. Não era melhor corredor que os outros, mas Vênus lhe dera três maçãs de ouro, as quais, matreiramente, jogou ao chão durante a corrida. Distraindo-se com elas, Atalanta deixou que Hipómanes vencesse, tornando-se assim sua esposa.

### **Outros rituais com frutos**

Na Antigüidade havia muitas cerimônias relacionadas a frutos, algumas delas comprobatórias das propriedades ocultas específicas ou genéricas. Naturalmente, uma relação bastante comum com as frutas era a fertilidade. Isto é logicamente associado às festas dos mortos, pois a morte requer uma nova vida em seu lugar, ou seja, a fertilidade. O Dia de Finados (2 de novembro) é celebrado em honra a todos os mortos, não apenas pelos cristãos mas também pelos budistas e druidas. Sua véspera, dedicada a Todos os Santos, pelos cristãos, era a festa da Pomona, a deusa das frutas, entre os romanos pagãos. O Dia de Todos os Santos era o equivalente cristão para essa data e — mais vulgarmente — a Noite do Quebra-Nozes devido certas crenças proféticas sobre nozes, principalmente avelãs. Era a celebração céltica denominada Samhain, também uma festa entre os pagãos francos e germânicos.

Entre os cultos de maior significação relativos a arvores, pode-se citar o da figueira, dedicado a Pan; da parreira, dedicado a Baco (que abordaremos mais adiante), da oliveira, dedicado a Minerva (que também será tratado mais adiante), e o da romãzeira, dedicado a Juno.

São muitos os festivais da colheita. Um dos mais antigos é a festa judaica dos Tabernáculos. Nela, levavam-se quatro tipos de plantas: a *lulac*, ou ramo de palmeira, a *esrog*, ou cidreira, a *hadassim*, ou mirto, e a *arovous*, ou salgueiro. As três primeiras representam a beleza das graças recebidas de Deus, e a última significa a humildade.

### **A cerimônia japonesa do chá**

O chá foi introduzido no Japão através do continente asiático, no século VIII, mas só se tornou popular por volta do século XIII. Um pouco mais tarde, o zen-budismo difundiu-se mundo afora, e um monge budista trouxe da China um conjunto completo de utensílios para que este fosse preparado e servido adequadamente.

Sabemos que o zen-budismo procura transmitir ensinamentos sobre uma abordagem direta às habilidades ocultas. Daí supor-se a existência de um método próprio de se servir chá, assim como o há para muitas outras artes. Além disso, dizia-se que o chá ajudava na

meditação por manter a percepção. A sala de chá era decorada com a maior simplicidade e os movimentos do ritual eram extremamente harmoniosos.

O chá era também amplamente consumido nos mosteiros tibetanos.

### **Outras tisanas**

O chá foi introduzido na Europa, no século XVI, tornando-se imediatamente popular. É obtido fervendo-se as folhas secas dos pés de chá em água. Tais infusões são denominadas tisanas. Também podem ser preparadas com sementes (também chamadas grãos) de café torradas, com sementes de cacau que originam a *Teobromina*, que é a essência dos frutos do cacauero, com chá mate proveniente de uma espécie de *Ilex*, uma planta do gênero azevinho, muito usada na América do Sul.

## **3/ Ervas que curam**

Com base em estudos históricos e arqueológicos, hoje dispomos de uma extensa lista de plantas utilizadas pelos antigos na arte da cura. Algumas delas ainda podem ser encontradas na farmacopéia moderna enquanto outras já foram eliminadas. Apesar da introdução da psicologia aplicada na medicina moderna, supõe-se a existência de uma ação química das drogas sobre o funcionamento do organismo. Presume-se que, mesmo aquelas que afetam o psiquismo, agem, de algum modo, através de ações químicas sobre as células do cérebro.

A romã era usada na Babilônia e antigo Egito, mas atualmente é considerada inútil. Os babilônios usavam o açafraão-da-índia, considerado apenas um agente corante, em nossos dias. O Espicanardo, uma das drogas mais importantes para os hebreus e hindus, é hoje considerado como um mero material adulterante, encontrado em algumas amostras de valerianas. A erva-de-passarinho, à qual os druidas atribuíam poderes quase milagrosos de cura, já não se inclui em livros atuais de farmacologia.

### **Propriedades ocultas**

Parece fora de dúvida que os povos da Antigüidade conheciam as propriedades ocultas das ervas, às quais creditavam efeitos metafísicos sobre aspectos mais sutis do homem, fato considerado imagi-

nário pela ciência materialista atual.

Somente poucos videntes atreveram-se a falar sobre o assunto nos últimos anos. Em 1906, um senhor idoso, de nome Charubel, publicou um livro<sup>1</sup> no qual abordava a cura de moléstias através do uso de magia simpática, utilizando ervas e pedras, tratamento este ao qual denominou de "plano da alma".

Posteriormente, o Dr. Rudolf Steiner, fundador da Sociedade Antroposófica, elaborou medicamentos com base em suas pesquisas sobre a ciência espiritual, e dentre tais medicamentos, inclui-se a erva-de-passarinho. Steiner acreditava que os elementos espirituais atuavam por meio de substâncias físicas, de maneira que seu método não representava um antagonismo, e sim um sistema complementar à medicina moderna.

Acreditava-se que o exorcismo, bastante encontrado nas páginas do Novo Testamento, incluía, segundo babilônios, egípcios e hindus, uma clíster ou lavagem intestinal<sup>2</sup>. A maioria dos métodos de administração de medicamentos, conhecidos hoje em dia pelos farmacêuticos, tem origens que remontam à Antigüidade.

### **Ayur-veda, o sistema hindu**

As quatro Vedas são as obras mais importantes da literatura hindu, e a *Ayur-veda* é o suplemento médico a uma delas, o qual, segundo a tradição, foi escrito por Dhanwantari, médico dos deuses. Trata do assunto sob um ponto de vista extremamente amplo, pois o termo sânscrito *ayur* quer dizer vida<sup>3</sup>. Sua tese é a de que a saúde é o equilíbrio harmonioso das três forças importantes que atuam sobre o organismo humano, e seus sete tecidos principais.

Há três tipos principais de doença: a de natureza física, acidental, e mental, e todas elas possuem fundo espiritual.

Existem também três tipos de medicamentos: (1) Os *mantras* (vibrações sonoras reguladas), rituais e oferendas, plantas, e pedras preciosas; (2) artigos usados de forma correta-, e (3) mente isenta de atos ou pensamentos que possam acarretar prejuízos a outrem.

As ervas, por conseguinte, constituem apenas parte do tratamento, embora muitas delas pertencentes à abundante flora nativa da

1 *Psicologia da Botânica* (Leigh, 1906), relacionando os efeitos psíquicos de trinta e nove plantas, três metais e onze minerais preciosos, bem como seus respectivos símbolos.

2 C. J. S. Thompson, *Mistério e Artes do Farmacêutico*, Londres, 1929.

3 Afirmativa baseada no *Ayur-veda ou Sistema Médico Hindu*, de B. V. Raman, editado e anotado por W. B. Crow, e publicado originariamente no *The Search Quarterly*, periódico trimestral, em 01/04/34, sendo reeditado posteriormente em Bangalore.

Índia tenham sido incorporadas ao método. Muitas delas foram importadas pela medicina ocidental e por ela adotadas devido seus efeitos sobre a fisiologia humana.

Um exemplo disso é a *Rauwolfia*, gênero venenoso da família das pervincas, há muito usada na Índia como um purgante e antídoto contra picadas de cobras e insetos. Alguns anos mais tarde começou a ser empregada na Europa como medicamento ansiolítico.

No entanto não é só por seus efeitos fisiológicos que as drogas Aiurvédicas são utilizadas na Índia. De acordo com a opinião do Dr. Raman<sup>1</sup>, as seguintes características também são levadas em consideração: (1) a predominância dos cinco *bhutas*<sup>2</sup> (termo sânscrito) na composição da droga; (2) o sabor; (3) as qualidades físicas, por exemplo, se líquida ou sólida, leve ou pesada; (4) a potência ou energia ativa; (5) os efeitos posteriores; e (6) quaisquer particularidades especiais.

Aquele que aplica o sistema aiurvédico também leva em consideração a estação do ano, o estado do paciente, sua alimentação e todos os aspectos de seu meio ambiente.

## **Moxa**

Na China, desde seus primórdios, era prática usual uma metodologia médica que visava curar moléstias através da introdução de agulhas em vários pontos do corpo humano. Este método é a *acupuntura*, bastante difundida atualmente.

Diagramas e modelos especiais indicam o lugar exato onde se deveria aplicar as agulhas. Este método estendeu-se à Europa e, na França, por exemplo, sua aplicação é bem elevada.

Como a acupuntura não está relacionada às ervas, deixamos de apresentar maiores comentários a respeito, visto não ser o objetivo precípuo desta obra.

Entretanto, os praticantes da acupuntura utilizam-se, em certas ocasiões, do que se chama *moxa*. Pertencem a uma categoria diferente. A moxa consiste no emprego de pequenos cones ou cilindros feitos de folhas de *Artemísia* em pó, uma planta composta relacionada à camomila, que é usada como um contra-irritante.

Estes cones são colocados em posições definidas em certas partes do corpo, posições estas indicadas pelos diagramas-moxa, perfeitamente distintos dos diagramas de acupuntura, acesos com vela ou

**1** Anteriormente citado.

**2** O *bhuta* é um elemento alterado mas - como observa o Dr. Raman - não se trata de um elemento químico no sentido exato do termo; antes, seria equivalente a um elemento, se considerado do ponto de vista natural-filosófico ou ciência arcana.



incenso elevando-se uma pequenina bolha dentro da qual a cinza pode ser esfregada. A moxa tem sido eventualmente praticada na Europa.

### **Doutrina das características**

Na Idade Média, na Europa, uma curiosa propriedade oculta era atribuída a determinadas plantas e ervas. Observou-se que certas partes de uma planta assemelhavam-se, na forma ou na cor, com algumas partes do corpo humano e acreditava-se que uma moléstia porventura apresentada por algum órgão, poderia ser curada por meio da aplicação da planta correspondente.

Este princípio era denominado *doutrina das características*, que afirmava ter cada planta um caráter próprio específico, como seu próprio uso, e bastava apenas contemplá-la detidamente para compreender sua característica. Em algumas plantas era fácil definir este procedimento.

As hepáticas, por exemplo, eram assim chamadas porque o caule, freqüentemente, assemelha-se à forma de um fígado. Conseqüentemente eram aplicadas no tratamento de doenças do fígado. A pulmonária, planta relacionada à borragem e ao miosótis, apresenta folhas semelhantes a pulmões e era usada para o tratamento de doenças deste órgão.

A utriculária é uma planta aquática cujas folhas são submersas, e sobre estas nascem pequeninas bolhas dentro das quais são capturados insetos. Foi muito empregada no tratamento de moléstias da bexiga. É vagamente relacionada com a dedaleira.

A orquídea, uma monocotilédone, recebe esta denominação devido a seus tubérculos subterrâneos, parecidos com os testículos do homem. Por esta razão, acreditava-se ser valiosa no tratamento de moléstias dos órgãos sexuais masculinos, principalmente.

A aristolóquia, pertencente a um grupo relativamente isolado de dicotilédones, possui flores enormes tendo a corola parecida com o útero feminino, e, em conseqüência disso, utilizada nas doenças da mulher, e freqüentemente para atenuar as dores do parto.

Devido à cor, o sândalo vermelho era usado para doenças sangüíneas, como também as pétalas das rosas vermelhas. Pensava-se que o amarelo do açafão, do estigma de uma planta monocotilédone do tipo croco, por ser parecido com a bile, seria adequado para o tratamento de estados biliosos.

### **Tratamentos com ervas**

No início da Idade Média os médicos faziam uso de inúmeras ervas como medicamentos, seguindo os grandes trabalhos clássicos

de Hipócrates (460-377 a.C.) e Galeno<sup>1</sup> (por volta de 130-200 d.C.), porém aproximadamente à época da Reforma Luterana, Paracelso (1493-1541) introduziu o uso de muitas drogas minerais.

Na Inglaterra, o Real Colégio de Cirurgiões obteve cartas-patente em 1518 (durante o reinado de Henrique VIII — 1491-1547) que outorgavam poderes semelhantes aos atualmente conferidos pelas Associações Médicas.

Porém, nessa época, foi decretado um Ato Parlamentar segundo o qual qualquer pessoa que possuísse conhecimentos das propriedades de cura das plantas, podia, legalmente, fazer uso dos mesmos. Afirma-se que tal Ato foi um privilégio concedido aos inúmeros praticantes da medicina popular que não haviam estudado anatomia, fisiologia e demais matérias pertinentes ao currículo de uma escola de medicina. Tais profissionais tornaram-se conhecidos como herbanários.

As plantas utilizadas no começo deste século eram ervas silvestres (Dicotiledóneas), sendo que apenas um reduzido número delas era reconhecido como valioso pelos médicos. Abaixo segue-se uma lista<sup>2</sup> disposta segundo as famílias:

Família da Lorantácea (Lorantáceas): Erva-de-passarinho (*Viscum*).

Família das Plantas Floríferas (Poligonáceas): Bistorta (*Polygonum*).

Família da Cariofilácea: Morrião-dos-passarinhos (*Stellaria*).

Família das Rosáceas: Agrimonia (*Agrimonia*), Ulmária (*Ulmaria*),

Framboesa Silvestre (*Rubus*).

Família do Feijão e da Ervilha (Leguminosas): Giesta (*Sarothamnus*).

Família do Linho (Lináceas): Linho (*Linum*).

Família da Litrácea (Litráceas): Salgueirinha (*Lythrum*).

Família da Cenoura (Umbelíferas): Azevinho (*Eryngium*), Cenoura

Silvestre (*Daucus*), Sanícula (*Sanícula*).

Família da Genciana (Gencianáceas): Fava-do-brejo (*Menyanthes*),

Centáurea-menor (*Erythraea*).

Família da Borragem (Borragináceas): Consolda (*Symphytum*).

Família das Urtigas Mortas (Labiadas): Marroio-negro (*Ballota*), Mar-

roio-branco (*Marrubium*), Hera terrestre (*Glechoma*), Erva-das-

-feridas (*Prunella*), Barrete (*Scutellaria*), Betônia (*Betónica*), Salva

<sup>1</sup> As drogas vegetais são também chamadas de galênicas em homenagem a Galeno, médico grego criador deste sistema.

<sup>2</sup> Lista elaborada por W.H. Webb em: *Guia-padrão de Remédios Herbáceos não-Venenosos*, Southport, 1916.

(*Teucrium*), Salva Vermelha (*Salvia*), Hortelã (*Mentha*), Hissopo (*Hyssopus*).

Família da Banana de São Tomé (Plantagináceas): Banana-de-São Tomé (*Plantago*).

Família da Valeriana (Valerianáceas): Valeriana (*Valeriana*).

Família do Girassol (Compostas): Bardana-maior (*Arctium*), Erva-pição (*Bidens*), Tussilagem (*Tussilago*), Dente-de-leão (*Taraxacum*), Artemisia (*Artemisia*), Tasneirinha (*Senecio*), Milefólio (*Achillea*).

O tratamento com ervas difundiu-se na América por intermédio dos imigrantes ingleses que fundaram a colônia de Plymouth, e um conjunto de plantas bastantes variadas começou a ser usado, entre as quais incluem-se as seguintes, sendo as duas primeiras famílias monocotilédones:

Família das Orquídeas (Orquidáceas): Orquídea Silvestre (*Cypripedium*).

Família das Taiobas (Aráceas): Arão (*Arum*).

Família das Mirtáceas (Mirtáceas): Murta-do-brejo (*Myrica*).

Família das Aristolóquias (Aristolóquiáceas): Aristolóquia (*Aristolochia*), Serpentária Canadense (*Asarum*).

Família dos Nenúfares (Ninfáceas): Nenúfar (*Nymphaea*).

Família dos Ranúnculos (Ranunculáceas): Erva-de-São Cristóvão (*Cimicifuga*), Hidraste (*Hydrastis*).

Família das Uvas-Espim (Berberidáceas): Uva-Espim (*Berberis*).

Família das Hamamélis (Hamamelidáceas): Hamamélis (*Hamamelis*).

Família da Azedinha Grande (Oxalidáceas): Azedinha Grande (*Oxalis*).

Família das Arrudas (Rutáceas): Espinho-de-vitém (*Zanthoxylum*).

Família das Piroláceas (Piroláceas): Pirolácea (*Pyrola*).

Família das Batatas (Solanáceas): Pimenta-de-caiena (*Capsicum*).

Família das Urtigas-mortas (Labiadas): Poejo (*Mentha*), Marroio aquático (*Lycopus*).

Família da Dedaleira (Escrofulariáceas): Quelone (*Chelone*).

Família do Girassol (Compostas): Raiz-de-cascalho (*Empatorium*).

Família das Lobélias (Lobeliáceas): Lobélia (*Lobelia*).

Muitas destas ervas já eram adotadas na medicina natural dos nativos. A Lobélia e a Pimenta-de-caiena eram os principais medicamentos dentro do sistema Thomsoniano, assim chamado em homenagem ao seu criador, Samuel Thomson (1769-1843). O uso de ervas foi causa de muitas controvérsias entre a classe médica que se opunha aos herboristas.

## Homeopatia

O sistema *homeopático* foi introduzido por um médico alemão e sua prática é adotada por milhares de médicos legalmente habilitados. Difere, porém, da medicina comum, denominada *alopática*.

As diferenças são: (1) Toda e qualquer droga usada em homeopatia deve ser testada antes numa pessoa saudável; (2) a droga deve produzir, nessa pessoa, sintomas idênticos àqueles da doença que se quer tratar; (3) deve-se usar apenas um medicamento de cada vez; (4) a droga é usada na forma diluída. De fato, acha-se que a solução diluída ativa a ação da mesma. Daí serem chamados de potências os graus de diluição.

A homeopatia foi criada por Samuel Hahnemann (1755-1843). Enquanto traduzia a obra de Cullen *Materia Medica*, verificou a existência de certo número de medicamentos chamados *específicos*, os quais agiam apenas em certas sintomatologias. Um destes medicamentos era a quina, do gênero da *Cinchona*, planta sul-americana da família das garanças que era muito conhecida à época no tratamento da malária.

Possuidor de espírito pesquisador, Hahnemann experimentou a droga em si mesmo e descobriu haver produzido sintomatologia semelhante à da malária, em seus mínimos detalhes. Então, auxiliado por amigos experimentou grande número de drogas, obtendo resultados análogos.

Assim, sabe-se que a beladona (*Atropa Belladonna*) produz os sintomas característicos da escarlatina, a trepadeira venenosa (*Rhus toxicodendron*), causa os da erisipela, o estramonio (*Datura stramonium*) os da asma, a colocíntida (*Citrullus colocynthis*), os da cólica, e assim sucessivamente.

O medicamento é sempre usado em pequenas quantidades, diluído em água ou misturado em pó neutro, tal como o açúcar do leite (lactose), por exemplo.

Alguns dos primeiros médicos homeopatas usavam diluições tão extremas que, dizia-se, somente poucas moléculas ou mesmo nenhuma delas permanecia. Isso leva a teses, que acreditamos foram formuladas pelo Dr. Rudolf Steiner, segundo as quais estariam envolvidas no sistema certas propriedades ocultas ou metafísicas.

Sabe-se que algumas pesquisas nesse sentido foram efetuadas pela Sociedade Antroposófica.

## 4/ Drogas e venenos

Como já vimos, os cereais enquanto fisicamente encarados como sustentáculos da vida humana, do ponto de vista esotérico, tais como vistos nas cerimônias de Demetér, ou Ceres, são considerados como o sustentáculo da vida espiritual. Nos mistérios de Elêusis, observamos que as deusas eram associadas a Dionísio, Baco para os romanos. Havia vários festivais a ele dedicados em Atenas.

Dionísio era o deus da parreira, e, por conseguinte do vinho. Do ponto de vista do ocultismo, o vinho é não só uma bebida alcoólica excitante, mas também seu uso pode ter finalidades espirituais. Num nível astral mais baixo podemos citar, como exemplo, o caso dos nativos das Antilhas, os Caraíbas, que após longas rodadas de bebidas, caíam embriagados pelos túmulos de seus mortos e posteriormente, relatavam mensagens que, segundo eles, vinham do além.

Já em um nível mais elevado, a embriaguez pelo vinho simboliza, para os místicos, o êxtase divino. No Sufismo, uma das seitas do Islamismo, apesar de ter seu uso vedado, muitos adeptos, místicos religiosos, escreveram poemas de louvor ao vinho, usando este simbolismo.

Atualmente, um certo número de pessoas é adepto do emprego de novas drogas no desenvolvimento de uma percepção sensorial mais ampla, uma consciência maior da cosmognose. Essa corrente, cujo mérito ainda hoje gera controvérsia, era partilhada pelos antigos no uso do vinho. Em consequência do uso indiscriminado de substâncias alcoólicas e outras, o culto a Baco, em Roma, degenerou em uma série de orgias. Foi suspenso por certo tempo, mas, retomado mais tarde ao perceberem que o uso correto do vinho nos mistérios, tinha um significado oculto profundo. Abordaremos isso mais adiante.

### **Bebidas alcoólicas fermentadas**

Um fungo microscópico chamado levedura (*Saccharomyces*) desenvolve-se na casca das uvas. Quando estas são prensadas obtém-se o suco denominado *mosto*, que contém as células da levedura em sua composição, e, através do processo de fermentação, o açúcar converte-se em álcool etílico (etanol), sendo este o agente causador da embriaguez.

Também se pode preparar bebidas alcoólicas usando ervas que contenham outros açúcares, ou até mesmo amido. Neste caso, o amido precisa ser transformado em açúcar por meio de um reagente

ativo e os microrganismos presentes na mistura encarregam-se disso. Em alguns casos, usa-se a saliva humana para essa finalidade a qual interage com a substância vegetal ao ser mascada. As bebidas alcoólicas, logicamente, são elaboradas a partir da destilação de bebidas fermentadas, processo este já conhecido na Antiguidade.

### **O açúcar natural**

À parte alguns poucos exemplos, como as bebidas não-alcoólicas feitas com mel<sup>1</sup>, o açúcar existente na natureza é oriundo do reino vegetal. Noé, segundo o relato bíblico, foi o primeiro homem a cultivar, da forma tradicional, a vinha, após sua saída da arca.

O vinho é utilizado desde os mais recentes estágios da História escrita e foi difundido por toda a Europa, em que pese o fato da parreira não se adaptar a climas frios. Tais países geralmente importavam vinho para seu consumo. Já nos referimos, por seu turno, à sidra, produzida de maçãs. O licor produzido de pêras tem preparo semelhante.

Na Inglaterra, as plantas nativas sempre foram utilizadas e, por essa razão, os ingleses conhecem um grande número de bebidas, como, por exemplo, um tipo de vinho preparado com frutas como o abrunho, groselha, amora preta, sabugo, ruibarbo, e até mesmo com o nabo.

Nos trópicos, usavam-se outras plantas. A cana-de-açúcar, provavelmente nativa das Índias Orientais, também era usada na África, produzindo o vinho denominado *massanga*.

Um vinho preparado com a banana era bastante consumido na África Oriental. O vinho da palmeira, elaborado com várias palmas, era muito consumido na África do Norte e Ocidental, Índia, Ceilão, ilhas do Pacífico, e nas Américas do Sul e Central. O vinho da agave, chamado *pulque*, teve seu consumo muito difundido no México e América do Sul, e nessas regiões até mesmo os cactos eram usados, algumas vezes.

### **A cerveja de amido**

O amido, presente em muitos cereais, era freqüentemente usado como fonte de bebidas alcoólicas. No antigo Egito, fermentava-se a cerveja que a seguir era distribuída para toda a Europa e as regiões mais frias da Ásia, e daí para o resto do mundo. Era feita de *malte*, que é o grão de cevada fermentado.

O lúpulo não era usado no Egito, entretanto foi adicionado mais tarde como aromatizante. O painço era usado há muito tempo atrás

**1 Até mesmo o mel é uma substância derivada do néctar das flores, embora de maneira indireta, através das abelhas.**

para a elaboração de um tipo de cerveja muito consumida na Índia, Tibet e África, e ainda é usado com o nome de *pombé* em muitas regiões da África Ocidental. Na Alemanha usava-se o trigo no preparo da *cerveja clara*.

O arroz era utilizado para uma bebida chamada *tuak* em Bornéus, e para o *saque* na China e Japão. O milho era a planta utilizada para a produção de *chicha* nas Américas do Sul e Central. A tapioca e a iúca eram ingredientes usados na preparação de outras bebidas nessas mesmas regiões. Os três últimos exemplos eram mascados<sup>1</sup> para a preparação da bebida.

O grande número de bebidas diferentes que receberam nomes diversos, dependendo de seus vários sabores, em parte devido às suas origens, e em parte devido à adição ou mistura de substâncias especiais e ao método usado na preparação. O sabor e o método de preparo serão novamente abordados de forma mais pormenorizada no capítulo sobre magia.

Deve-se mencionar, contudo, que o preparo de bebidas estava, na maioria das vezes, associado a certos cultos, e havia não só regras precisas, mas também danças, canções e afins, nesses rituais.

## **Tabaco**

A planta do tabaco (*Nicotiana tabacum*), originária da América, e hoje em dia cultivada em todos os países tropicais, é composta de folhas que são secas de maneira lenta e suavemente fermentadas. Atualmente é consumida pelo mundo afora (exceto em Sikhs, Pérsia, e mais alguns poucos países), de inúmeras formas, como, por exemplo, mascado, na forma de rapé, fumado em cachimbos, como charutos e como cigarros.

O hábito de fumar este tipo de erva espalhou-se rapidamente no Velho Mundo, apesar da oposição existente, após a viagem de Colombo e de outros exploradores do passado, viagens que abriram as portas de um novo mundo, a América. O nosso ponto de interesse é frisar que, mesmo o povo nativo das Américas, como os Astecas e Toltecas do México, e seus descendentes, os peles-vermelhas, eram não só viciados no tabagismo mas, também, o usavam em cultos.

Conforme demonstrado por Lewin<sup>2</sup>, o tabaco retira os vazios da mente, aborrecimentos e instintos agressivos, e produz uma leve excitação, de maneira tal que podemos afirmar que a propriedade do mesmo é proporcionar uma sensação de paz e tranqüilidade. Por

**1 Para maiores detalhes sobre estas e outras drogas, consulte a obra de L. Lewin, *Alucinação:Narcóticos e Drogas Estimulantes*, Londres, 1964.**

**2 Já mencionado.**

essa razão, é bem conhecido, entre os índios da América do Norte, o costume de presentear pessoas amigas com o *cachimbo da paz* sendo este fumado durante suas assembléias, num clima de harmonia. Este ritual foi até mesmo levado para a Europa.

### **Ópio**

Através do seccionamento de várias plantas, escorre um fluido leitoso chamado látex, que posteriormente se solidifica. O ópio é o *látex* solidificado proveniente de cápsulas grandes de papoula de ópio (*Papaver somniferum*), de coloração amarronzada. Contém muitos alcalóides, sendo a morfina o principal deles.

Apesar de sua utilidade na medicina como anestésico temporário, os alcalóides do ópio são causadores de um hábito que gradualmente leva à dependência físico-psíquica e seu tráfico é difícil de ser abolido. Os viciados utilizam o ópio (I) ingerindo o látex via oral, (II) fumando-o, (III) injetando via endovenosa, a morfina ou um de seus sais. A isso já não podemos denominar culto, a menos que seja do sono ou da morte.

Os povos antigos entretanto sabiam prevenir-se contra os efeitos nocivos das papoulas e em sua mitologia havia uma figura feminina, Nox, a deusa da morte, adornada com flores desta planta, ou uma masculina, igualmente adornada, Morfeu, o deus dos sonhos, relacionado às visões alucinógenas causadas pela droga. Era considerado filho de Simnus, o deus do sono.

### **Mescalina**

Esta droga, também conhecida como *peiole*, constitui-se de partes superiores do cacto *Anhalonium lewinii*. Contém quatro alcalóides, sendo a mescalina o mais importante deles, que parece ser peculiar nesta espécie.

A mescalina possui efeitos bem peculiares. Tais efeitos variam muito de acordo com o indivíduo que a utiliza, mas seus principais efeitos são alucinações visuais, às vezes também auditivas, causando frequentemente distúrbios na seqüência aparente do tempo e outras sensações nas quais o indivíduo acredita estar em outro mundo.

A planta é originária do México e de algumas regiões dos Estados Unidos. O governo proibiu seu uso mas os nativos a transformaram em culto, no qual a ingeriam, durante reuniões ao redor de fogueiras, música, canto, preparação da droga e vários outros rituais.

### **Cânhamo indiano**

As plantas do cânhamo são a fonte de uma fibra importante, mas



o cânhamo indiano (*Cannabis indica*) é uma droga bem conhecida, sendo transformada em uma substância chamada *haxixe*<sup>1</sup>, enquanto as folhas e os brotos denominam-se *bhang* e a resina obtida das plantas através de pancadas, chamadas *charos*, são fumadas. As sementes são fumadas. Sabe-se que nos tempos antigos e medievais, seu uso era amplamente difundido no Oriente Médio, onde sua repressão não surtiu efeito.

O haxixe é famoso, principalmente devido ao uso que dele fazia uma seita de assassinos, cujo líder, chamado de Velho da Montanha, tinha seus quartéis-generais no Monte Líbano, com o objetivo de persuadir seus seguidores a cometerem assassinatos políticos (1090-1272). Desde então, o haxixe é associado a crimes.

#### Outras drogas vegetais

A cocaína é obtida a partir do arbusto chamado coca (*Erythroxylum coca*), planta nativa da América do Sul. Atualmente, seu cultivo é mais difundido em países como Peru e Bolívia, de onde tem sido muito traficada, isto sem citar outros países onde também é cultivada em menor escala.

As folhas secas da coca eram mastigadas pelos nativos, misturadas com limão doce ou freixo, e dizia-se que aumentava a resistência do organismo, reduzindo a fadiga, a fome e a dor. Esta planta está vagamente relacionada à família dos gerânios.

Na América do Sul, entre os nativos do Equador, prepara-se uma bebida chamada *aya-huasca* a partir do caule da trepadeira *Banisteria caafile*. Ela contém harmalina, substância relacionada com a mescalina. Segundo Lewin<sup>2</sup>, seus efeitos também se assemelham aos do estramônio<sup>3</sup>, e como aquela, era usada pelos feiticeiros. Esta planta também apresenta um ligeiro parentesco com a família dos gerânios.

Na bacia amazônica, cresce uma trepadeira arbórea do gênero *Paullinia*, relacionada apenas vagamente com a planta precedente. Ela produz sementes que são raspadas ou então moídas a fim de se obter, após adicionar água, uma pasta (*pasta guaraná*), com a qual é preparado o guaraná. Lewin<sup>4</sup> classifica-a como excitante. Também nessa região, um rapé chamado *parica* é preparado a partir das sementes da *Piptadenia peregrina*, um vegetal do grupo das acácias.

A *Kava-Kava* é uma bebida usada na Nova Guiné e muitas outras

1 lista denominação é dada freqüentemente à própria planta; há espécimes muito e fêmea, fato raro no reino vegetal.

2 Já citado.

3 Veja à página 26.

4 Já citado.

ilhas da Polinésia. É proveniente do rizoma da planta *Piper methysticum*, da família das pimentas (Piperáceas). Como a sua elaboração requer que seja mastigada, julgava-se que suas propriedades fossem oriundas da fermentação alcoólica, mas Lewin provou que seus efeitos excitantes sobre o organismo devem-se a uma resina.

Entre os aborígenes australianos, o *pituri* consistia de folhas em pó, da *Duboisia hopwoodii*, planta pertencente tanto às famílias das batatas quanto às da dedaleira. Podia ser mascarada ou fumada.

Em todas as regiões quentes da Ásia, principalmente das ilhas de Madagascar às Filipinas, era costume mascar a noz da arequeira (*Areca catechu*).

### **Cânfora: um perigoso excitante**

Na China, Japão e Formosa, a cânfora é produzida a partir da *Cinnamomum camphora*, uma árvore estreitamente relacionada com a canela. De certas partes da planta destila-se um óleo volátil e um sólido branco cristalino é separado. Foi usado em tinturas e pílulas, por centenas de anos, na Europa e é um perigoso excitante, salvo se tomado em doses realmente mínimas.

Na Arábia, uma infusão denominada *khat*, feita com brotos da *Catha edulis*, uma planta da família evônimo-da-europa é muito usada. No Iêmen, os brotos são mascarados.

Não podemos esquecer a *noz de cola*, nativa do Sudão de onde foi difundida a vários países. O hábito de mascar a noz é muito adotado nos países de clima quente. É proveniente da *Cola acuminata*, planta pertencente à família do cacau (Esterculiáceas). Existem muitos tipos de nozes similares, mas, sua ação excitante é pequena se comparada às da noz de cola.

Finalmente podemos incluir uma droga chamada *Kanna* ou *Chan-na* proveniente da polpa do grande gênero *Mesembryanthemum* (Aizoáceas). É largamente utilizada pelos hotentotes da África do Sul.

Todas as drogas mencionadas nesta seção produzem efeitos importantes à vida social das várias pessoas que as usam. Embora seus efeitos fisiológicos sejam hoje bastante conhecidos, sua análise, do ponto de vista sociológico e psicológico, poderia revelar muitos fenômenos curiosos que, certamente, mereceriam a atenção daqueles que desejam aprofundar-se nos mistérios do oculto.

### **Afrodisíacos**

O termo *afrodisíaco* provém da deusa grega Afrodite, ou Vênus, segundo os romanos, e especifica medicamentos que estimulam o instinto sexual.

Um afrodisíaco não deve ser confundido com uma poção de amor. O primeiro é puramente medicinal e deve produzir uma fenomenologia psicológica. O segundo, é puramente mágico, e acredita-se que sua ação se exerça através de forças ocultas. O primeiro estimula a potência sexual, enquanto o segundo visa à obtenção de algo, de uma outra pessoa.

Os afrodisíacos são os medicamentos mais desacreditados. Poder-se-ia dizer que tais medicamentos não fazem parte da medicina atual, ou que vários alimentos são afrodisíacos. Certamente, um regime alimentar que mantenha a boa saúde do indivíduo, tende a preservar seu instinto sexual, como na vida instintiva em geral.

Uma droga venenosa como a estricnina, usada em pequenas quantidades, com o objetivo de enrijecer os músculos, pode, possivelmente, auxiliar o desempenho do ato sexual se, tal como no caso da corinina, agir sobre a musculatura pélvica.

Aceita-se atualmente, graças às pesquisas sobre a psicologia do subconsciente, que os desejos sexuais, ou sua ausência, são de tal maneira influenciados pela mente que a idéia da ação direta da droga é eliminada. Mesmo o indivíduo materialista, hoje acredita que o cérebro age através ou em harmonia com as glândulas endócrinas. Um tratamento destinado a ativar o funcionamento dessas glândulas foi tentado, sem êxito, há cerca de trinta anos.

### **Afrodisíacos mais conhecidos**

Entretanto, talvez seja interessante citar alguns dos afrodisíacos mais populares, ressaltando ser sua ação positiva, dependente em grande parte da dosagem correta devendo-se ainda ter em mente os eleitos mínimos, no caso de dosagens pequenas, ou prejudiciais, se **em** excesso.

Do reino animal usava-se o almíscar e o âmbar cinzento, formigas, o certos besouros, dos quais é produzido o *pó-de-cantáridas*, droga que freqüentemente causa a morte.

Pensava-se que muitos alimentos, como, por exemplo, alho, cebola, alcachofra-brava, espargos, feijão, lentilhas, repolho, cenouras e o aipo, possuíam propriedades afrodisíacas, especialmente muitas frutas e sementes, qualquer coisa de sabor ou odor estimulante, e também temperos, como a noz-moscada, pimenta, pimenta malagueta, açafraão-da-índia, baunilha, alcaparras, a semente de aniz, da alca-rávia, o rábano picante, etc.

Já nos referimos à estricnina, perigoso veneno obtido da *noz-vô-mica*, pequena árvore da família das Budléias (Loganiáceas), e à corinina, obtida do córtex do caule da *Pausinystalia yohimba*, árvore da família das garças (Rubiáceas).

Uma ação semelhante, se não idêntica, pode ser obtida a partir do córtex do quebracho branco (*Aspidosperma quebracho*), planta da família das pervincas (Apocináceas). Menos ativa é ação da damiana e do açai, fruta da qual é preparada uma bebida largamente usada na região norte do Brasil. São geralmente usados juntos pelos herbanários, industrializados na forma de tabletes ou pílulas.

A damiana consiste de folhas da *Tumera diffusa*, erva da América Central, parente distante da família das violetas (Violáceas). O açai, fruto da palmeira denominada *açaizeiro*, apresenta coloração semelhante à da baunilha e forma parecida à da noz.

### **Plantas venenosas**

A árvore-da-morte (*Antiaris*), nativa de Java e pertencente à família das amoras, é reputada como sendo a planta mais venenosa que se conhece.

Acreditava-se que os vapores dessa planta eram mortais para a fauna e flora, numa área aproximada de algumas milhas ao redor. Esta crendice deriva do fato de a árvore crescer em certos vales baixos onde vapores vulcânicos destruíam a vida sem, no entanto, interferir nos vapores da mesma. Dela, os nativos retiravam o veneno para suas flechas.

Para idêntica finalidade eram utilizadas três espécies de Euforbiáceas da África, uma espécie do mesmo gênero no Brasil, enquanto nas Guianas, uma espécie de *Strychnos* (diferente da que produz a estricnina) e uma outra em Java.

Um látex muito venenoso é obtido da manacá-açu (*Hippomane*) pertencente à família das Euforbiáceas, na América Central e Índias Ocidentais.

Os zulus usavam em suas flechas um veneno obtido do gênero *Acokantheria*, da família das pervincas.

Muitos gêneros da família das Euforbiáceas são venenosos, por exemplo, o *Codiaeum*, o *Crotón*, *Toxicodendrum*. Alguns membros da família da ervilha e do feijão, bem como a comigo-ninguém-pode (*Crotalaria*) e o *Physostigma* (feijão da provação de Calabar) também são venenosos.

A família do cajueiro (Anacardiáceas) inclui a trepadeira venenosa, o carvalho venenoso e o sumagre venenoso, todos do gênero *Rhus*.

### **A rainha-mãe dos venenos**

O Acônito (*Aconitum*) vem sendo chamado de rainha-mãe dos venenos. É nativo da Inglaterra e cultivado devido a suas flores. Um outro gênero venenoso da mesma família (Ranunculáceas), *Helle-*

*borus*, inclui o heléboro e o heléboro negro, enquanto que o *Vera-trum*, monocotilédone da família dos Lilases (liliáceas), é o heléboro branco.

Muitas outras plantas venenosas serão citadas mais adiante. São encontradas na maioria das famílias sendo que em algumas, como, por exemplo, na das cenouras (Umbelíferas) e das batatas (Solanáceas), são particularmente abundantes.

## 5/ Ervas na alquimia

Acredita-se que as origens da alquimia se perdem no próprio passado do homem. Seus três principais objetivos eram: (I) produzir ouro a partir de outros metais, (II) descobrir o elixir da vida, e (III) a arte de dar vida a coisas inanimadas.

Antes do advento dos laboratórios de alquimia, contudo, sabe-se de manuscritos babilônicos preservados através dos séculos, dos quais o mais antigo data do segundo milênio a.C. Trata-se da epopéia de Gilgamesh, que após a morte de seu amigo Enkido, lança-se a uma jornada longa e difícil em busca da erva da imortalidade.

Após superar enormes dificuldades, Gilgamesh, chega, por acaso, ao paraíso de Uta-Napishtim, o Noé babilônio, a quem, depois do dilúvio, os deuses concederam a imortalidade. Foi dito a Gilgamesh, entretanto, que é impossível a um homem obter a imortalidade através de coisas terrestres, mas foi-lhe permitido compartilhar de um grande segredo, segundo o qual, nas profundezas oceânicas, em determinado lugar, encontrava-se uma planta espinhosa, e qualquer pessoa por mais idosa que fosse recuperaria sua juventude ao comê-la.

A custa de muitas dificuldades Gilgamesh obtém a planta e retoma o caminho de casa. Durante o trajeto, pára num riacho a fim de se banhar, e deposita a planta no chão. Ao sair da água, a única coisa que pode fazer é contemplar pateticamente uma serpente furtiva deaparecer por entre as folhagens levando consigo a planta que havia lhe custado tanto sacrifício.

### O elixir da juventude

Enquanto hindus e budistas tentavam, a seu modo, deter o processo degenerativo através de práticas iogues, cuja ação se faz sentir sobre o sistema neurovegetativo do homem, já os taumaturgos da Idade Média, para a mesma finalidade, utilizavam-se de ervas, sendo estas, porém, usadas de forma complementar e os ingredientes prin-

cipais de tais receitas são desconhecidos.

A idéia sobre a existência de uma única substância capaz de curar todos os males era, entretanto, predominante na Idade Média. Tal substância era conhecida como "panacéia". No clássico da literatura árabe *As Mil e Uma Noites*, há uma clara alusão à maçã de Samarcanda, considerada capaz de curar todos os distúrbios psico-fisiológicos do homem. Isso talvez seja fundamentado na existência de certos frutos com propriedades medicinais, conhecidos em eras primitivas.

### **Outros frutos**

Além da maçã, já nossa conhecida, existem outros frutos semelhantes, com propriedades medicinais. Algumas frutas das Anonáceas são comestíveis, como a graviola e a fruta-do-conde, de sabor adocicado, e nativas das regiões tropicais da América.

O tomate, o jambo-rosa e o abiu são comestíveis.

O fruto da mandragora tem propriedades tóxicas enquanto o ananás, ou abacaxi (*Ananas*), ajuda na digestão de proteínas.

O estramônio (*Datura*) é uma planta da família das Solanáceas, com propriedades tóxicas e medicinais, mais conhecido como figueira-brava, cujo fruto é espinhoso e usado clinicamente em doses mínimas.

### **O sangue de Prometeu**

Uma outra panacéia considerada também como elixir da juventude, era o *Ungüento de Prometeu*, preparado com uma erva na qual, diziam os antigos, caíra sangue de Prometeu. Na mitologia, a bruxa Medéia fez com que seu amante Jasão bebesse um pouco da mesma a fim de evitar queimaduras e ferimentos.

Na obra *O Pirata*, de Sir Walter Scott, há uma passagem que menciona a existência de uma certa alga comestível de Guiodina, capaz de curar todas as doenças, exceto a peste negra.

Na China o *ginseng*, uma espécie de *Aralia*, era reputado como uma panacéia de grande poder medicinal. O "pé-de-elefante", da espécie *Hydrocotyle*, da família das cenouras, é também outra planta considerada como uma panacéia. Nos anos trinta, uma reportagem jornalística citava o caso de um chinês que, fazendo uso desta erva, teria vivido mais de 200 anos.

### **Palingenésia**

Certos escritores de meados do século XVII, afirmavam conhecer uma substância peculiar, que infelizmente não podemos agora identificar, a qual, aparentemente, teria a propriedade de ressuscitar uma planta a partir de suas cinzas.

Queimada determinada planta, suas cinzas eram reunidas cuidadosamente e submetidas a um tipo específico de tratamento, com substância especial. A substância resultante, um pó, apresentava coloração azulada. Este era colocado em recipiente adequado e aquecido suavemente.

Sob a ação do calor, o pó, segundo tais escritores, assumia a forma da planta, como se fosse uma aura, ou emanção fantasmagórica. Quando a poção esfriava, as emanções luminosas desapareciam, mas poderiam ser novamente produzidas, através de novo aquecimento. Há, entretanto, registros de experiências semelhantes feitas com animais e até mesmo com seres humanos<sup>1</sup>, devido à permanência da estrutura do ácido nucléico, mesmo nas cinzas.

### **Geração espontânea**

Os antigos acreditavam que plantas e animais, além de nascerem de outras plantas e animais, através de sementes, ovos e outras formas, podiam também surgir de substâncias não-vivas.

Até mesmo o grande Aristóteles, tão preciso em suas observações com respeito às coisas vivas, julgava que vertebrados, assim como as enguias, sapos e serpentes, podiam nascer da lama.

O ponto de vista atual<sup>2</sup>, que provou serem todas as coisas vivas (inclusive os microrganismos) provenientes de outros organismos vivos da mesma espécie, ou de espécie similar, só foi estabelecido definitivamente, com bases científicas, após o trabalho de Louis Pasteur (1822-1895). Não é de se estranhar, portanto, que os alquimistas achessem possível criar coisas vivas, inclusive seres humanos<sup>3</sup>, de maneira artificial.

1 Para maiores detalhes, leia *Enciclopédia do Ocultismo*, de Lewis Spence, Londres, 1920, art. "Paligenésia".

2 Para maiores esclarecimentos sobre essa controvérsia leia, de W. B. Crow, "Geração espontânea", *A Pesquisa*, 1933, ou, do mesmo autor, *Sinopse de Biologia*, Bristol, 1960, e 2ª edição, 1964, pág. 2.

3 Notas explicativas podem ser encontradas sobre o assunto em *História da Magia, Feitiçaria e Ocultismo*, de W. B. Crow, Londres, 1968, pág. 209.

## 6/ Ervas na astrologia

Entendida de maneira adequada, a Astrologia é o estudo de alguns dos ritmos<sup>1</sup> biológicos da natureza e do homem. Apesar de abranger muito mais do que o conhecimento imaginado pelos materialistas, iremos citar, primeiramente, que na História do planeta Terra, as vidas animal e vegetal apresentavam características bastante diferentes segundo as épocas a que pertenciam.

A partir do estudo dos fósseis, aprendemos que nas rochas antigas (pré-Cambrianas ou Cambrianas) há vestígios da existência de algas e bactérias; no período seguinte (Ordoviciano) surgem vertebrados simples com a aparência de peixes, mas, há dúvidas sobre a presença de plantas terrestres.

No período seguinte (Siluriano), surgem plantas terrestres não muito superiores ao musgo, alguns escorpiões e várias espécies de peixes, tal como hoje o concebemos. No seguinte (Devoniano), registra-se o aparecimento de muitas outras espécies de peixes, tais como lycopódios e cavalinhas-gigantes; no período Carbonífero, surgem plantas parecidas com samambaias, insetos, aranhas e seres marinhos, entre as espécies de animais; já no período imediato (Permiano), nota-se a presença de répteis e florescência de plantas floríferas. Estes períodos constituem a Era Paleozóica.

Chegamos agora à longa Era dos répteis (Mesozóica), e não foi antes do período Cretáceo que as plantas floríferas tornaram-se abundantes. Na Era seguinte (Terciária), houve uma grande evolução dessas famílias de plantas.

### As estações

Enquanto nos trópicos as mudanças de estação são menos perceptíveis, nas zonas temperadas tais mudanças afetam profundamente a fauna e a flora. Há períodos de tempo, biologicamente estabelecidos para a plantação das sementes, sua germinação, surgimento dos brotos, flores, queda das folhas, nascimento dos frutos e dispersão das sementes.

Cada espécie de planta tem seu próprio tempo de florescência. À guisa de ilustração, citamos algumas espécies da Flora:

<sup>1</sup> W.B.Crow: "Ritmo Biológico: A Base da Astrologia Científica", *Proteus*, I, jan. de 1931, e "Novos Ritmos Biológicos", *Proteus*, 4, out. de 1931.



Janeiro: Verônica (*Veronica*) e Acônito (*Eranthis*);  
Fevereiro: Celidônia inferior (*Ficaria*), Rosa canina (*Mercurialis*);  
Março: Calta (*Caltha*), Anêmona dos bosques (*Anemone*);  
Abril: Campainha (*Scilla*), Cardamina (*Cardamine*);  
Maio: Sanícula-dos-montes (*Sanicula*), espinheiro (*Crataegus*);  
Junho: Rosa-de-cão (*Rosa*), Tomilho silvestre (*Thymus*);  
Julho: Bons-dias (*Convolvulus*), Clematite (*Clematis*);  
Agosto: Hera (*Hedera*);  
Setembro: Açafrão-do-prado (*Colchicum*);  
Outubro: Uma espécie de açafrão da família *Mediterranean*;  
Novembro: Rosa do Himalaia (*Himalayan*);  
Dezembro: Heléboro negro (*Helleborus*).

Poder-se-ia preparar tabela análoga para a germinação, florescência, amadurecimento dos frutos e outros fenômenos pertinentes.

### As plantas e a Lua

Acredita-se, já há bastante tempo, que o crescimento da flora varia de acordo com as fases da Lua<sup>1</sup>. Em 1929, L. Kolisko<sup>2</sup> publicou resultados de algumas experiências desenvolvidas durante longos anos. Estas demonstraram que, no caso do trigo, que era o tema dessas experiências, notava-se um aumento de crescimento à aproximação do quarto crescente da Lua, mas também existe um ciclo anual, onde se verifica uma diminuição do crescimento do mesmo, de maneira bem acentuada, nos meses de inverno seguintes. Ambos os fatores devem ser levados em consideração.

De fato, no mês de dezembro, o crescimento que se espera ocorra nos meses que se situam mais perto da Lua Nova, não ocorre, e antes da Lua Cheia, nota-se entretanto uma nítida aceleração do crescimento. Durante as duas semanas anteriores à Lua Cheia, nota-se um crescimento adicional, maior que aquele anteriormente citado, e este contrabalança os efeitos usuais da Lua Minguante.

Resultados análogos foram obtidos logo a seguir com o milho, e, desde então, outras importantes pesquisas têm sido levadas a efeito e trabalhos publicados relatando resultados obtidos por pesquisadores, sendo a maioria deles antroposofistas.

### O relógio floral

O fato das flores se fecharem e abrirem em diferentes horas do dia e da noite levou Linnaeus (1707-1778) a sugerir a existência de

<sup>1</sup> Para maiores detalhes sobre a influência dos ritos lunares em plantas, homens e animais, ver W.B.Crow, "Ritmos Lunares", *Proteus*, 5, jan. de 1932.

<sup>2</sup> "Der Mond und das Pflanzenwachstum, *Gäa Sophia*, IV, 1929.

um certo relógio floral através do qual podia-se saber o tempo, de modo bastante rudimentar, observando-se quais as flores que estavam abertas ou fechadas.

Mas havia estes problemas: (I) Esse movimento de abrir e fechar das flores é executado em horas diferentes segundo as várias latitudes. (II) As flores mais importantes para a composição de tal tipo de relógio não florescem igualmente na mesma época do ano.

Apesar desses contratempos, têm-se feito tentativas para o cultivo de flores que possibilitam a formação desse tipo de relógio, em jardins públicos e áreas de lazer.

Foi Linnaeus quem primeiro relacionou certo número de flores para Upsala, cidade sueca situada a 60° de latitude N, enquanto a segunda lista foi elaborada por Kerner<sup>1</sup>, para a cidade de Innsbruck, capital do Tirol, situada a 47°. Uma lista contendo os nomes comumente usados na Inglaterra foi publicada por Brewer<sup>2</sup>.

### **Ervas planetárias**

As flores do relógio floral não correspondem ao horário terrestre já que este depende não só do ciclo de 24 horas, mas também do ciclo semanal.

Como cada dia da semana corresponde a um planeta, supomos que exista um ciclo de sete dias. Sugerimos como resposta a isto o ciclo lunar de 28 dias, divididos pelos quatro elementos: fogo, terra, ar e água, que desempenham funções importantes na Astrologia.

Para considerarmos agora as regras tradicionais relativas às ervas, de acordo com os sete planetas, devemos lembrar aos leitores que se acham familiarizados com Astrologia, que o Sol e a Lua, denominados "astros", também estão incluídos entre os sete planetas.

### **Ervas solares**

O Sol rege o domingo e sua passagem zodiacal se dá no período de um ano. Conseqüentemente, as ervas solares têm, na sua maioria, ciclo de crescimento anual, e seu simbolismo é o Sol, em livros antigos que tratam deste assunto.

Por outro lado, tais ervas apresentariam uma das características solares, ou seja: (1) coloração dourada ou alaranjada, semelhantes à do açafraão ou da laranja<sup>3</sup>; (2) formato orbicular; (3) tamanho grande; (4) forma radiante, como o girassol, por exemplo; (5) odor aromá-


**1** Ambas estas listas foram publicadas em *História Natural das Plantas*, de Kerner, tr. Oliver, 29 vol., Londres, 1902.

**2** *Dicionário de Fraseologia e Lendas*, Londres, 1895.

**3** A laranja também apresenta as características (2) e (3).


tico; (6) efeitos sobre o coração, como estimulante, por exemplo, regido pelo Sol, tal como a canela; (7) tendência a se inclinarem na direção do Sol, como, por exemplo, o girassol e o heliotrópio.

### **Ervas lunares**


A Lua (símbolo ) , rege a segunda-feira e sua passagem pelo zodíaco leva 28 dias. Suas ervas apresentam: (1) folhas macias e suculentas; (2) freqüentemente vivem em água doce; (3) as flores e frutas são brancas ou amarelo-claras; (4) seus frutos são grandes; (5) contêm grande concentração de água, como o melão, a melancia, por exemplo, e muitas não apresentam sabor, como a abóbora ou gerimum, e a cuia; (6) acredita-se serem elas possuidoras de uma certa periodicidade mensal; (7) apresentam características próprias da Lua, como, por exemplo, seu formato de quarto crescente, visto nas frutas-da-honestidade (*Lunaria*), nas folhas em forma de quarto crescente da lunária (*Botrychium lunaria*) e na lunulária (*Lunularia*).

### **A regência de Marte sobre plantas bienais**

O planeta Marte rege a terça-feira. Sua passagem através do Zodíaco dura aproximadamente dois anos. Em consequência disso, seu símbolo  $\text{♂}$  era originalmente usado para plantas bienais<sup>1</sup>, as quais, (1) apresentam espinhos, como no caso do espinheiro, abrunheiro, a amoreira silvestre e cardo; (2) vivem em lugares secos, até mesmo desérticos, como, por exemplo, as várias espécies de cactos; (3) apresentam propriedades irritantes, estimulantes, ou alucinógenas, como pimenta-malagueta, framboesa e o peiote (*Lophophora williamsii*), nativo do México e Sul dos Estados Unidos; (4) apresentam coloração avermelhada, como, por exemplo, a rosa vermelha, com seus espinhos avermelhados; ou (5) apresentam raiz cônica, denominada raiz-mestra, que pode ser vermelha como a cenoura ou beterraba.

O planeta Mercúrio (símbolo ) rege a quarta-feira e passa através do Zodíaco em três meses. Suas ervas: (1) apresentam folhas ou caules bastante delicados ou divididos, devido ser este planeta pertencente ao ar, como as gramíneas; (2) aroma penetrante como a semente de anis, por exemplo; (3) suas propriedades medicinais se fazem sentir sobre a língua, pulmões e sistema nervoso; e (4) são importantes do ponto de vista alimentício, como os cereais.

### **Plantas vivazes herbáceas**

O planeta Júpiter rege a quinta-feira e sua passagem pelo zodíaco realiza-se em cerca de 12 anos. Seu símbolo  indicava as plantas

**1 Usado em biologia para representar o sexo masculino, enquanto o símbolo de Vênus representa o sexo feminino.**

vivazes herbáceas, cujo tempo de vida é de aproximadamente 12 anos. Suas ervas: (1) apresentam formato semelhante ao da cruz, daí a designação latina Crucíferas, pois o deus Júpiter regia todas as quatro partes do globo; (2) são grandes e distintas, como a figueira, oliveira e videira, por exemplo; (3) são nutritivas e comestíveis e caracterizadas pela glândula e fruto da faia; (4) possuem aroma agradável, como a amoreira, o cravo-da-índia, a noz-moscada e a manjerona.

O planeta Vénus (símbolo ♀) rege a sexta-feira, e sua passagem zodiacal dura nove meses. Suas ervas apresentam: (1) flores bonitas, brancas ou cor-de-rosa<sup>1</sup>, como em algumas espécies de rosas; (2) aroma agradável, como o da rosa e lírio-do-vale; (3) folhagem e frutos de um verde suave, algumas vezes com leve toque de rosa ou vermelho, como a maçã.

### **Plantas vivazes arbóreas**

O planeta Saturno rege o sábado e perfaz seu trajeto zodiacal em 30 anos. Seu símbolo ♄ foi adotado para representar plantas vivazes arbóreas, cuja maioria vive aproximadamente 30 anos, embora algumas espécies vivam muito mais. As plantas de Saturno: (1) apresentam anéis anuais, pois Saturno é o deus do tempo; (2) apresentam folhagem cinzenta ou escura ou ainda de cor similar à das cascas de árvores; (3) são arbóreas, mesmo não sendo arbustos ou árvores, como a planta-cágado (*Testudinaria*), da família do Inhame; (4) sua folhagem é verde-escuro; (5) possuem sabor e cheiro desagradáveis, como a valeriana; e (6) geralmente são venenosas, como o heléboro da família do botão-de-ouro, a cicuta, e muitas outras plantas da família das cenouras, a beladona e muitas plantas da família das batatas.

### **Plantas zodiacais**

O autor propõe, segundo a tradição dos antigos, uma classificação também zodiacal para o reino vegetal<sup>2</sup>. Peixes, obviamente por seu relacionamento com a água, rege as algas, que abrange as escumas do gênero *Spirogyra*, e as algas-marinhas.

Áries, o carneiro, que representa o pioneirismo, rege os líquens, que, quanto à forma, assemelham-se à alga-marinha, mas seu papel pioneiro, em contraste com o desta última, realiza-se em terra, preparando o caminho para a vegetação que lhe sucederá. Touro, signo

<sup>1</sup> A cor rosa é a contraparte feminina do vermelho, assim como Marte (vermelho) é o amante de Vénus.

<sup>2</sup> Para detalhes sobre animais e minerais, veja "Correspondência astrológica de animais, ervas e minerais", *Mistérios dos Antigos*, 2, Londres, 1942.

essencialmente da terra, rege os fungos que, em sua maioria, desenvolvem-se juntos uns aos outros (cogumelos), ou abaixo da terra (trufa).

Gêmeos, signo do ar, rege os musgos, muitos dos quais crescem como epífitos, isto é, sobre árvores no ar. Câncer, o caranguejo, signo da água, rege os fetos, cavalinhas e lycopódios, cujo estágio sexual desenvolve-se em meio aquático.

Leão, signo do fogo, rege as plantas coníferas, cicadáceas, pinheiros e abetos. O cone é uma característica do fogo e do sol, regentes deste signo.

Virgem, signo da terra, dedicado a Ceres, a mãe terrestre, rege, é claro, os cereais, gramíneas e ciperáceas.

Libra, a balança, é regida por Vênus, é o signo regente das mais belas plantas floríferas, tais como a íris, os lírios e orquídeas.

Escorpião rege as aráceas e as palmas. Estas plantas apresentam características fálicas e regem o sexo.

Sagitário, o centauro, rege as árvores grandes encontradas em florestas e relacionadas com o amentilho, tais como o carvalho, a faia e o olmeiro, já que é um signo regente das florestas.

Capricórnio, a cabra, signo da terra, rege as plantas que possuem flores com pétalas separadas.

Aquário, representado pela figura de Ganimedes servindo o néctar dos deuses, rege as plantas que possuem flores e pétalas unidas.

## 7/ Ervas na magia

Nas lendas sobre a criação do universo, tanto na mitologia hindu quanto nas do antigo Egito, o primeiro objeto a surgir era um ovo dourado, e, algumas vezes, uma loto ou nenúfar, boiando sobre as águas do oceano primevo. Este abria-se, revelando o Deus supremo.

Iamblicus (cuja morte deu-se no ano 333 d.C), filósofo neoplatônico, considerava as folhas redondas e frutos de formato esférico da lótus como símbolos do intelecto e o fato de nascerem da lama, como a supremacia do espírito sobre a matéria, e a divindade pousada na flor, à superfície da água, como a superioridade intelectual.

Por todo o antigo Egito, as esculturas, e até mesmo em capitéis de colunas, pode-se ver representações de lótus. Era sagrada na Índia, Tibete e China. No Egito havia três tipos de lótus: a branca, *Nymphaea lotus*, com folhas denteadas e botões redondos; a azul, *Nym-*

*phaea caerulea*, e a vermelha ou rosada, *Nelebitum speciosum*. Esta última é citada por Heródoto (séc. V a.C.). É uma espécie atualmente extinta às margens do Nilo.

A lótus azul, de aroma agradável, era certamente a mais sagrada. Os relevos do antigo Egito mostram pessoas vivas e mortas, cheirando-as, certamente realizando algum tipo de culto espiritualista.

### **Os druidas e a erva-de-passarinho**

Os druidas eram sacerdotes do povo celta, nativo da Gália, Grã-Bretanha e Irlanda. Eram os supremos legisladores desses povos. Até mesmo reis e chefes estavam subordinados à autoridade dos mesmos. Atuavam também como médicos e professores de todos os ramos do conhecimento.

Discute-se se usavam grandes templos de pedra, como os de Stonehenge, mas é certo que cultuavam o reino vegetal, no qual consideravam o carvalho sagrado e a erva-de-passarinho, que nele florescia, mais sagrada ainda. A erva-de-passarinho é plantada numa árvore por um pássaro. Esta peculiaridade fez nascer a simbologia do pássaro como sendo o Espírito Santo, a erva como o Messias, e o carvalho como a Árvore de Jessé. Os druidas cortavam galhos da erva-de-passarinho com foices de ouro e os distribuíaam entre os membros de sua congregação. O fato da planta sagrada só poder ser tocada pelo ouro, lembra-nos uma das Eucaristias Cristãs.

Os druidas dedicavam uma atenção muito especial a todas as espécies de plantas, e chagaram a criar um alfabeto no qual cada letra era representada por uma árvore ou arbusto. Os trovadores eram supervisionados pelos sacerdotes. Não eram poetas no sentido atual do termo, e sim menestrelis que recitavam composições mágicas.

### **Os rosa-cruzes e a rosa**

Os rosa-cruzes tornaram-se publicamente conhecidos pela primeira vez, em 1614, 1615 e 1616, quando surgiram certas publicações anônimas na Alemanha. Os parâmetros de sua fraternidade foram estabelecidos por um tal de Christian Rosenkreutz, que alguns julgavam haver nascido no século XIV ou XV e vivido 106 anos. Supunha-se que sua tumba fora descoberta pouco antes das publicações.

Posteriormente, vários escritores alegaram ter descoberto fatos interessantes sobre a fraternidade secreta. Diziam eles que os rosa-cruzes adotavam uma posição de não reconhecimento da autoridade papal, defendiam uma reformulação mundial no campo das ciências, eram conhecedores dos segredos da alquimia e cura, e posteriormente, foi aventada sua ligação com a franco-maçonaria.

O ponto intrigante sobre os rosa-cruzes é a origem de seu símbolo:

(1) certamente relaciona-se com o nome de seu suposto fundador; (2) provavelmente está relacionado com o brasão de Lutero, teólogo e reformador alemão (1483-1546), e seu pastor mais importante, Andreas, que supõe-se ter sido o autor de um dos manifestos; (3) a rosa, desde tempos antigos, simbolizava o segredo; e (4) a rosa, tal como a rainha das flores, pode simbolizar a ativação da vida vegetativa do homem se combinada à cruz, a exemplo da flor de lótus quando ativada pela energia Kundalini na ioga.

### **Poções mágicas do amor**

Como dissemos anteriormente, os afrodisíacos e poções mágicas do amor são perfeitamente distintos entre si. Os afrodisíacos têm ação fisiológica enquanto as poções mágicas agem através de forças mais sutis e propriedades ocultas. Acredita-se que os afrodisíacos apenas aumentam a libido, ao passo que as poções mágicas do amor são panacéias dirigidas a uma determinada pessoa.

Freqüentemente, as poções mágicas eram misturas complexas. Para que uma poção mágica fosse eficaz, devia ser sempre acompanhada de certas cerimônias simples ou complicadas, na maior parte das vezes envolvendo sangue ou secreções corporais. Os ingredientes de uma poção mágica eram geralmente de origem animal. Usavam-se animais inteiros (por exemplo, aranhas) cabelos, penas, tecidos animais, ou parte deles, com ou sem o acréscimo de ervas.

A poção mágica citada no romance *Tristão e Isolda* era tida como sendo preparada integralmente com uso de ervas. A única poção mágica do amor realmente agradável de que se tem notícia é a de Oberon (citada na obra de Shakespeare *Sonho de Uma Noite de Verão*), que a oferece a Titânia para que esta se apaixone pela primeira coisa que veja ao acordar, sua intenção era recuperar uma das páginas de um manuscrito seu que ela lhe havia tomado.

### **O amor-perfeito**

Á planta usada chamava-se amor-perfeito e era identificada com a violeta tricolor (*Viola tricolor*). Outras plantas freqüentemente usadas em trabalhos eram o rizoma da samambaia, o heléboro negro, a potentilha, sementes de cuminho, a verbena, tabaco, a mandrágora, valeriana, e a briônia branca, que é perigosa ou nauseante, na maioria das vezes.

Para fazer poções do amor e fertilidade, nenhuma planta era mais apreciada que a *mandrágora*, da família da batata. Isto porque a raiz desta planta era dita semelhante ao corpo de um homem, exceto pela cabeça, cujo lugar é tomado pelo caule verde, acima da terra.

O problema era que, quando arrancada do chão, a mandrágora

emitia um tipo de energia letal e qualquer pessoa que capturasse essa energia, ia definhando e, na maioria das vezes, morria. Para evitar isso, costumava-se amarrar um cachorro ao broto da planta, deixando-se comida canina quase ao seu alcance. Com o passar das horas, o cão, esfomeado, lutava para ver-se livre das amarras e poder comer, e em consequência disso, arrancava a raiz, sacrificando a vida nesse esforço. Por essa razão a mandrágora era muito cara.

### **As ervas na profecia**

Sabe-se da existência de centenas de métodos diferentes de premonição, cujas denominações variam de acordo com os objetos neles utilizados. As adivinhações feitas com o uso de plantas denominam-se *botanomancia*. É muito empregada para predizer fatos da vida sentimental, como, por exemplo, o provável marido ou esposa, suas características e coisas afins.

Um dos tipos de botanomancia constitui-se de uma espécie de competição na qual grupos de moças e rapazes olhavam para uma certa configuração de folhas secas. Acreditava-se que o primeiro de cada grupo às configurações equivalentes, casar-se-iam entre si.

Já com relação às nozes, faz-se a adivinhação dando-se a cada noz o nome de uma pessoa e depois aquecendo-a ao fogo. Há vários significados a serem interpretados quando, por exemplo, a noz queima rapidamente, lentamente, ou salta repentinamente do fogo.

### **Centáurias-azuis**

O nome Centáurias-azuis designa as plantas de um gênero comum (*Lychnis*), da família dos cravos, ou certas vezes, de algumas outras flores. Eram assim chamadas porque, dizia-se, os homens solteiros levavam-na consigo aonde quer que fossem, esperançosos de que florescessem, fato que representaria muita sorte no amor.

Algumas vezes, as cebolas recebiam nomes ou eram marcadas e postas junto da lareira. A primeira delas que germinasse indicaria o futuro cônjuge. Uma folha de hera chamada de *Véspera de Ano Novo*, examinada à véspera do Dia de Reis, indicava sinais da pessoa pretendida. Colocavam-se flores em grinaldas sendo estas usadas em vários tipos de adivinhações.

A leitura das folhas de chá é um hábito largamente difundido. Para este tipo de premonição preparavam-se várias xícaras de chá assinaladas internamente em áreas cujas significações recebiam importâncias diversas.



## **Plantas usadas na feitiçaria**

As feiticeiras<sup>1</sup> forneciam, aos que as procuravam, poções de amor e venenos e, através daquilo a que atualmente denominamos de força da sugestão, causavam malefícios incalculáveis a pessoas inocentes, especialmente às crianças. Elas também organizavam reuniões que eram realizadas aos sábados à meia-noite.

Para preparar-se adequadamente para as cerimônias do *sabbat*, a feiteira despia-se e esfregava todo o corpo com um unguento especial. Este, denominado de *unguento da levitação*, era de vários tipos. Em sua composição, quase sempre entravam ingredientes os mais diversos, como, por exemplo, gordura do corpo de uma criança assassinada antes de receber o batismo, sendo esta gordura misturada, em muitos casos, com extrato de napelo, folhas de álamo, cicuta d'água, cáalamo, oficialis, potentilha, pilrito e beladona. Algumas dessas plantas são venenos perigosos.

Certas autoridades médicas acreditam que os princípios ativos dessas plantas atuariam por absorção através da pele ocasionando um estado de transe no qual o indivíduo poderia imaginar estar sendo levado pelos céus, numa espécie de sonho lisérgico, e nessas condições praticava uma série de atos pervertidos e criminosos. Atualmente, há um grande número de práticas semelhantes, como o caso da Tia Neiva, no Brasil.

## **Antídotos contra macumbas e coisas do gênero**

Era hábito proteger-se contra feitiçarias usando-se a água benta, sal consagrado, velas abençoadas na festa de purificação da Virgem Maria e folhas abençoadas no Domingo de Ramos. Obtinha-se também proteção com ervas da potentilha, pilrito, verbena, erva-de-São João, oliveira, palmeira, orquídea e outras plantas. A defumação de incensos de olíbano e mirra afastava as feiticeiras e seus malefícios.

Também usava-se uma ferradura colocada acima da porta como proteção contra elas. Outro símbolo usado antigamente era a estrela de cinco pontas.

## **Árvores como oráculos**

Admitia-se que, às vezes, certas árvores atuavam como oráculos. Moisés, segundo a Bíblia, recebeu as instruções de Deus através de um arbusto em chamas. Há inúmeras citações bíblicas sobre árvores, com essa propriedade, no Velho Testamento. A profetisa Débora

**1** Mais relatos sobre cultos de bruxarias no *História da Magia, Feitiçaria e Ocultismo*, de W.B.Crow, Londres, 1968.

fez seu vaticínio sob uma palmeira próxima a Betei. Davi deu a ordem de ataque contra os filisteus, de uma pereira ou amoreira.

O grande Templo de Apolo, em Delfos, foi erigido no local, onde, segundo a tradição, a ninfa Dafne parece ter-se transformado num loureiro. Muito conhecido pelo evento, este local era originariamente uma fenda na terra, da qual emanavam gases dedicados à deusa da terra. A pitonisa sob efeito desses gases teria pronunciado seu vaticínio.

Dodona, nas montanhas Epirote, dependia da manifestação de um carvalho centenário, e suas mensagens eram obtidas através do retinir de armas e instrumentos suspensos dos galhos da imensa árvore. Estes sons eram então interpretados pelas "pombas", nome dado às sacerdotisas do culto. Havia muitos outros templos na Grécia, em Roma, e no antigo Egito. O templo dos adeptos de Zoroastro era localizado no Vale da Árvore Sagrada em Armavira, no Cáucaso, e o dos árabes pré-islâmicos, era um local chamado Palmeira Sagrada, em Nejran no Iêmen.

## 8/ Ervas na religião

Acreditava-se que os deuses e deusas da Grécia habitavam o Monte Olimpo. Sua imortalidade advinha do fato de se alimentarem de *ambrósia* e sua bebida o *néctar*. Embora alguns indivíduos menos informados possam pensar fosse a ambrósia uma poderosa droga alucinógena, secretamente utilizada nos mistérios de Elêusis, estamos convencidos de que não passava de uma espécie de alimento semelhante ao pão.

Sabemos ser a *Epopeteia*, nestes mistérios, algo equivalente ao Pão da Eucaristia, dos cristãos, exceto que, nos primeiros, acreditava-se ser o pão, o corpo da deusa Deméter, enquanto que o vinho seria o sangue de Dionísio. O político e orador romano, Cícero (106-43 a.C.), zombava dos que acreditavam na transformação do pão em divindade, pois jamais chegou a entender o verdadeiro significado desses mistérios.

No Egito, a cevada representava o deus Osíris e a semente germinada era plantada em nome desse deus. Costume semelhante era praticado nos chamados jardins de Adônis. Ambos os deuses pertencem a uma classe de divindades que morrem como os mortais comuns, e ressuscitam para a vida eterna. Este dogma é encontrado em todas as religiões conhecidas. Uma planta da família do manjericão,

planta do gênero *Ocimum*, usada como condimento, era considerada sagrada na Índia.

O povo teutônico considerava as maçãs o alimento dos deuses e o hidromel, sua bebida. Por seu turno, os Astecas, no México, consideravam sagrados o milho e o sangue.

### **Néctar**

Para os gregos e romanos, o vinho tinto era o néctar dos deuses. Este era também usado pelos druidas, judeus, egípcios, chineses e tibetanos.

Para os hindus, a *soma* era a bebida dos deuses, mas, sabia-se perfeitamente que esta não passava de suco da planta trepadeira Asclepiadácea, pertencente à família das Pervincas. Os zoroastristas utilizavam a *haoma*, preparada com suco de Efedra, planta vagamente relacionada com as gimnospermas.

### **Os mistérios cristãos**

Na missa católica, o vinho é transformado, através do mistério da Eucaristia, no sangue de Cristo, e o pão, sob a forma de hóstia, em Seu corpo. No Evangelho (*João*, XV, 1), Jesus descreve-se como o verdadeiro vinho. Na Última Ceia, Ele disse que o pão era Seu corpo, o vinho, Seu sangue (*Mateus*, XXVI, 26 e 27; *Marcos*, XIV, 22 e 24; *Lucas*, XXII, 19 e 20; *Coríntios* XI, 24 e 25). Suas palavras são repetidas pelo sacerdote durante a Eucaristia.

A hóstia é colocada numa pequena bandeja chamada *pátena*, e o vinho, em um *cálice*. Segundo um velho costume judaico, acrescenta-se água ao vinho. Diz-se que o vinho representa a natureza divina de Cristo e a água Sua natureza humana.

Os armênios, entretanto, não misturam água ao vinho, já que não acreditam nas duas naturezas de Cristo, motivo pelo qual são conhecidos como *monofisistas*. Em alguns rituais de igrejas católicas orientais o vinho é apenas um suco de ervas<sup>1</sup> não fermentado. A maioria, entretanto, usa vinho fermentado, como em rituais no hemisfério ocidental (romano). Entre os povos do Oriente o pão é fermentado<sup>2</sup>. Isto não ocorre entre romanos, maronitas e armênios.

O pão usado pelos cristãos constitui-se de farinha de trigo especial, e era cozido, como ainda o é atualmente, em alguns rituais ocidentais, pelos próprios membros do clero, ou por moças virgens.

1 E. S. Drower, *Água em Vinho*, Londres, 1956. Obra-padrão sobre o uso do pão e vinho em ritos cristãos e não-cristãos do Oriente próximo. A autora afirma que os mandaens também não usam vinho fermentado.

2 Por conseguinte, podemos considerar o levedo, que é um fungo, como uma das plantas usadas nos Mistérios.

Durante o cozimento rezavam-se preces.

A hóstia, como é chamada, tem forma redonda e traz impressa algum símbolo sacro, normalmente a cruz ou as iniciais IHS (transcrição do monograma grego de Cristo *ichthus*, que significa Jesus Cristo Filho de Deus, Salvador). O termo grego *ichthys* significa "peixe", daí a origem do símbolo para representar a figura de Cristo<sup>1</sup>.

### **Padrões complexos**

Os pães utilizados pelos católicos orientais são maiores que os nossos, e apresentam complicadas configurações. Um pedaço quadrado central, chamado *o Cordeiro Sagrado* (o cordeiro é outro símbolo do Filho de Deus), é recortado. Apenas esta parte do pão era consagrada, sendo a restante utilizada para o *antidoron*, ou cerimônia de distribuição dos pães após a Eucaristia.

O pão é cortado com o *lonche*, a pequena haste de uma lança, e espetado com a ponta desta para simbolizar a lança que perfurou o corpo de Cristo, quando Este se achava na cruz.

Tanto nas cerimônias orientais quanto ocidentais, um pedaço da hóstia é mergulhado no vinho, no momento da consagração. No Oriente ela também é conhecida como "pérola"<sup>2</sup>.

### **Os cristãos nestorianos**

Um costume muito curioso é observado pelos cristãos nestorianos. Na Quinta-feira Santa, eles preparam uma mistura de farinha, sal e migalhas esfareladas do pão sacramental consagrado, e em toda a Eucaristia, durante o transcorrer do ano, adicionam uma pequena quantidade desse pão, transformado em pó. Esta mistura, chamada *melka*, é acrescentada pelos sacerdotes quando assam suas hóstias.

Por conseguinte, cada nova hóstia, quando consagrada, já contém minúsculas partículas de uma anterior (já consagrada), e aquelas anteriores a esta, por sua vez, numa seqüência regressiva, também apresentariam vestígios das precedentes, de maneira que se poderia chegar até àquela usada por Jesus na celebração da Última Ceia. Desta maneira, segundo sua tradição, suas hóstias continham doses homeopáticas do pão consagrado pelo próprio Senhor.

### **A intinção no Oriente**

Acredita-se nos países cristãos, tanto orientais como ocidentais,

**1** Acredita-se que os primeiros cristãos possuíam um sacramento relativo a peixes.

**2** Para maiores relatos leia *Uso mágico das pedras preciosas*, de W. B. Crow, Ed. Hemus.

que Cristo está verdadeiramente presente não apenas no pão, **mas** também no vinho. Em consequência disso, a comunhão pode ser ministrada numa dessas duas espécies.

No Oriente, é dada de ambas as maneiras, geralmente por *intinção*, ou seja, a hóstia sagrada é fracionada e esta parte umedecida no vinho consagrado, é ministrada por meio de uma *labis*, ou colher, embora, às vezes, somente o vinho seja ministrado, e em alguns casos o sacerdote a deposita diretamente na boca das pessoas que recebem a comunhão, usando só as mãos.

No Ocidente a hóstia consagrada é guardada num recipiente chamado *cibório*, vaso sagrado coberto parecido com um cálice. Este é guardado em um sacrário coberto ou em uma arca no altar ou próximo a ele. O objetivo desta prática é preservá-la para que possa ser ministrada aos moribundos, quando necessário.

Muitos dos católicos orientais não guardam a hóstia já consagrada, ao invés disso, a consagram sempre que haja necessidade. Os católicos do rito romano também agem de forma semelhante, usando a hóstia para abençoar as pessoas. Para esse fim, a hóstia é colocada em uma *custódia*, de onde pode ser vista por todos, sendo, às vezes, levada em procissão pelas ruas.

## **O incenso**

No Ocidente, usa-se o incenso na Missa Solene, na Ação de Graças, nas vésperas de cerimônias importantes e em funerais, e, no Oriente, em praticamente todos os cultos religiosos públicos. A vela pascal, que segundo o uso romano era abençoada e acesa à véspera da Páscoa, continha cinco grãos de incenso que representavam as cinco chagas de Cristo. Era mantida acesa durante os quarenta dias da Páscoa.

Por outro lado, o incenso é jogado em carvão em brasa depositado num combustor de incenso chamado incensório ou furíbulo, enquanto o padre pronuncia uma bênção especial. Existem regras específicas para uso do incensório, o qual é suspenso por correntes.<sup>1</sup>

## **Óleos sagrados**

Nos Mistérios cristãos todas as velas devem ser preparadas com cera de abelha como também todas as candeias devem usar azeite como combustível. A oliveira é uma árvore bastante cultivada na região mediterrânea. O fruto comestível da variedade cultivada é pensado a fim de produzir o azeite doce usado em saladas.

Na Igreja Católica, tanto no Ocidente quanto no Oriente, o bálsamo e o azeite de oliveira são consagrados na Quinta-feira Santa, dia

**1 A natureza do incenso é tratada no Capítulo 12.**

em que se comemora a Última Ceia. Os óleos consagrados são tratados com profundo respeito, segundo a reverência prestada ao Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Há três tipos de óleos, de acordo com sua consagração e uso, mas todos eles são de oliveira, com ou sem bálsamo. São os seguintes:

1. **Óleo de Catecúmeno:** é assim denominado pelo uso que dele se faz na cerimônia do batismo, pois os que se preparavam para serem batizados eram chamados de catecúmenos. O mesmo óleo é usado para abençoar a pia batismal, consagração de altares e templos, ordenação de padres, e coroação de reis e rainhas.

2. **Óleo dos Doentes:** no Oriente é chamado **óleo-da-prece**; usado no sacramento da cura, de forma curiosa, na bênção, ou batismo de sinos de igrejas.

3. **Crisma:** é uma mistura de azeite de oliveira e bálsamos;<sup>1</sup> usado na bênção da pia batismal, no sacramento ou mistério da unção, ou crisma, na consagração do cálice e da patena, e muito freqüentemente, na bênção dos sinos.

## O linho

O linho (*Linum*), um dos têxteis mais notáveis, desempenha papel importante nos Mistérios cristãos.

As múmias egípcias eram envoltas em linho. Nos sacramentos católicos usam-se roupas de linho, talvez porque Jesus tenha sido sepultado segundo o costume egípcio. Mencionaremos, para evitar delongas sobre o assunto, só as três toalhas que cobrem o altar; a **corporal**, na qual são depositados o cálice e a pátena; o **pálio**, às vezes colocado sobre o cálice, ou usado suspenso por varetas para cobrir o sacerdote em procissões, e a **purificatória**, toalha usada para enxugar a parte interna do cálice depois que este é lavado com vinho e água.

No Oriente, a **poteriokalumma**, sobreceú de linho, serve às vezes de pálio e de purificador. Os cristãos ortodoxos também usam uma toalha de linho para cobrir a pátena denominada **diskokalluma**, além desta, há uma outra mais fina chamada **aer**, que é colocada sobre a primeira.

A Igreja Ortodoxa Russa não adota o linho. Usa um objeto ritual chamado **asterisco** para evitar que os véus toquem a hóstia quando esta se acha na pátena. Cada um desses objetos possui significado simbólico. O asterisco, de configuração estrelada, representa a estrela de Belém.

**1 Para maiores detalhes sobre bálsamos, veja o Capítulo 12.**

## 9/ Simbolismo das ervas

Um *emblema* diferencia-se de um símbolo pelo fato de ser puramente arbitrário. É algo plenamente consciente ao passo que o *símbolo* refere-se ao inconsciente, e pode ser apenas do conhecimento de iniciados, ou de outros, através de revelação. Ambos podem ser aprendidos. É um tanto quanto difícil distinguir emblemas de símbolos. Algumas plantas podem ter sido atribuídas a certos lugares só de forma simbólica, e seu conhecimento através da tradição, perdeu-se no tempo. Outras têm sido introduzidas de maneira arbitrária.

Entre os emblemas nacionais mais conhecidos temos a rosa para a Inglaterra, o alho porro para o País de Gales, o cardo para a Escócia, o trevo para a Irlanda, o lírio (*flor-de-lis*) para a França, a romã para a Espanha, a tília para a Prússia, a resedá para a Saxônia, e a violeta para a Grécia, o boldo para o Canadá. Nos Estados Unidos cada Estado possui seu próprio emblema floral.

### Os símbolos dos deuses

As ervas e outras plantas eram geralmente relacionadas com deuses, tendo papel importante nos mitos, sacrifícios, ou alguma forma de ritual.

No antigo Egito, a acácia era consagrada à deusa Osíris, o absinto à Isis, o sicômoro a Hathor e Nuit, e o pêssego a Harpócrates. Entre os babilônios, o cedro era dedicado a Ea, e entre os persas, o cipreste a Mitra.

Na Índia, a lótus constituía a configuração do trono de Brahma, o *pipul*, a figueira-de-bengala, e todos os membros do gênero do figo eram consagrados à Vishnu, enquanto algumas plantas do gênero *Feronia* eram consagradas a Siva. Os budistas dizem que Buda atingiu a iluminação sob a "árvore-bodhi", a figueira da Índia.

Entre os chineses, Lao-tsé era simbolizado pela ameixeira, Confúcio pelo bambu, e Buda pelo pinheiro. Eram popularmente conhecidos como "os três amigos". Os três principais deuses estão relacionados com o pêssego.

### Simbolismo das plantas entre gregos e romanos

Entre gregos e romanos, são mais freqüentes as referências ao simbolismo das plantas. O milho, por exemplo, era consagrado a Baco, o trigo a Ceres, casos já mencionados. A hera e a figueira, também eram dedicados a Baco e Pan.

Supõe-se que o figo também era consagrado a Saturno, mas, talvez seja mais correto afirmar terem sido a sarça (*Rubus*) e a serpentina (*Dracunculus*) aquelas realmente dedicadas a essa figura mitológica. Júpiter, rei dos deuses, era simbolizado pela palmeira.

O corniso, espécie de abrunheiro, era dedicado a Marte, o loureiro a Apolo, a maçã, a Vênus, a amora, a Mercúrio, e o ditamo (planta da família das urtigas-mortas) a Diana.

A oliveira era consagrada a Minerva, a cana-de-açúcar, a Cupido, o choupo a Hércules, o cipreste, a Plutão, a menta, a Prosérpina, a centáurea, a Quíron, o acônito, a Cérbero, o marmelo, a Juno, o heliotrópio, ao Sol, a tamarga, a Lua, o plátano, à Helena, os pomos de ouro (ou seriam laranjas?), às Hespérides, a faia, ao Tosão de Ouro, e o narciso, às Parcas.

### **Símbolos de santos**

No simbolismo cristão até mesmo Deus é representado por alguns símbolos herbáceos. O trevo representa a Santíssima Trindade. Pão e vinho, o Salvador. As plantas bico-de-pomba e aquiléia-de-sete-pétalas eram dedicadas de forma muito especial ao Espírito Santo. É bem conhecido o simbolismo existente entre o Espírito Santo e a pomba, e as sete dádivas representadas pelas sete pétalas.

À Virgem Maria foram consagradas muitas flores. Em uma ladainha medieval, a grinalda de Maria é feita de rosas, violetas, margaridas, manjeronas e alecrins, cada uma delas representando uma virtude específica. A pureza da Virgem Maria é geralmente simbolizada pelo lírio branco, como visto em muitos quadros da Anunciação. A rosa é dedicada à Santa Maria Madalena.

Certas plantas recebem nomes de acordo com os nomes de santos segundo a tradição popular. A *Cardamine pratensis* é apenas uma de cerca de doze plantas cuja denominação é associada à figura da Virgem Santíssima. Várias espécies da *Hypericum* (dedicadas a São João), das centáureas (*Centaurea solstitialis*) e da *Actaea spicata*, receberam suas denominações em homenagem a muitos santos.

É tradição que a bela planta inglesa *Fritilaria imperialis* recebeu essa denominação de Santo Eduardo, o Confessor, Rei da Inglaterra (1002-1066).

Nas artes, usam-se numerosos símbolos para distinguir os diferentes santos e, entre estes, encontraremos uma série de plantas usadas em simbolismo.

### **Símbolos da virtude**

Neste tópico, iremos mencionar alguns exemplos de virtudes, vícios e idéias abstratas.



Entre os cristãos, a rosa representava a caridade, a oliveira, a paz, o mirto, a compaixão, a resedá, a brandura, a mirra, a abstenção, a lótus, a castidade, e a flor-de-laranjeira, a inocência.

O vício, é claro, também era simbolizado. Acreditava-se que a planta chamada manjeriço<sup>1</sup>, cuja denominação parece estar relacionada com a do basilisco, um réptil mortífero, era associada à ira, a gula, à urtiga, o heléboro, à maledicência, a inveja seria representada pelo espinheiro, a preguiça, pela papoula, e o orgulho, pelo cedro.

A morte era simbolizada pelo teixo, muito encontrado em cemitérios. A ressurreição era representada pela folhagem do bucho. A imortalidade, por sua vez, pelo amaranto. Devido ao seu tamanho pequeno e à sua enorme proliferação, a semente de mostarda representava a onipotência (segundo *Mateus*, XIII, 31; *Marcos*, IV, 31; e *Lucas*, XIII, 19).

A vitória era representada pela palmeira e freqüentemente suas palmas eram relacionadas à figuras de mártires.

### **Ervas e árvores heráldicas**

Os uniformes militares ostentam todo tipo de símbolos que se possa imaginar. As plantas, como não poderia deixar de ser, são muito usadas. Freqüentemente possuem simbolismo próprio além de relacionarem-se com determinados aspectos da vida de uma pessoa ou de uma família, em particular.

Dentre as árvores, as preferidas são o carvalho, as palmas da palmeira e a oliveira. Outras também muito usadas são: a amendoeira, a macieira, a pereira, a cerejeira e a noqueira. O pinheiro é a mais comum das plantas coníferas.

As ervas geralmente apresentam flores bonitas, tais como a rosa, o lírio, o jacinto e o amaranto. O trevo, é claro, possui grande significação. A romã é a fruta favorita. Algumas ervas pequenas são usadas, em casos particulares, como, por exemplo, a alcachofra-dos-telhados e a cizânia.

A heráldica relaciona-se não apenas com as honrarias ostentadas em uniformes militares, mas também com o fato de conferir comendas. Uma muito conhecida é a rosa dourada, conferida pelo Papa.

Acompanha esta comenda um modelo verdadeiro em ouro, originalmente uma simples flor, mais tarde uma série de ramos de flores, ricamente ornamentados com pedras preciosas e esmalte vermelho para simbolizar a Paixão, e perfumado com âmbar-cinza e almíscar. Uma bênção especial era dedicada à mesma, no quarto domingo da Quaresma.

**1** *Basil*, em inglês.

A rosa é, geralmente, recebida por rainhas, somente. O rei Henrique VIII, entretanto, recebeu-a antes de se desentender com o Papa. Dentre as personalidades agraciadas com essa honraria, cita-se a Rainha de Espanha, em 1861, e a Imperatriz de França, em 1862.

## 10/ Plantas míticas

A ciência materialista do século passado legou-nos uma imagem do universo, na qual objetos à semelhança de esferas executariam movimentos de rotação e translação, no espaço-tempo. Sua linguagem era matemática.

Por seu turno, a ciência espiritual das eras medievais, cujas verdades são atualmente corroboradas pelas descobertas da psicologia profunda, representava o universo, ou melhor, o Todo espiritual, como um templo, uma árvore, ou monte, ou, mais especificamente, uma combinação integrada dos três itens. E, obviamente, esta idéia era apresentada em linguagem mitológica.

A árvore cresce no monte dos deuses, o Olimpo dos gregos, seu lar e templo. Estava situada "no centro do paraíso" (*Gen*, II, 9), mas em vários rituais pode-se constatar que seus galhos alcançavam os confins do universo.

Os egípcios, hebreus, fenícios, persas, druidas, escandinavos, hindus, chineses, japoneses, os maoris da Nova Zelândia, os astecas do México, os maias do Yucatan e os incas do Peru, sem exceção, falam dessa árvore.

A árvore cabalística da vida

Entre os hebreus, havia um diagrama filosófico-cabalista que simbolizava a *árvore da vida*, da qual pendiam os dez *sephiroth* (sing. *sephira*). Cada um deles era representado por uma romã, cujas cores eram diferentes entre si, e pertinentes aos seus significados.

Existe, é claro, vasta literatura sobre a Cabala, e por certo, muitos leitores poderão, se o desejarem, familiarizar-se com o assunto.

### A árvore da vida escandinava

A versão escandinava desta lenda é bem conhecida, já que se acha incorporada ao folclore e incluída nas *Edas*, coletâneas de fatos tradicionais da mitologia dos antigos povos escandinavos. Nestas, a árvore da vida é simbolizada por um freixo gigantesco situado no

centro de uma montanha, na qual os deuses reúnem-se em conselho. Seus galhos ultrapassam os limites "celestiais".

Três raízes destacam-se sobre as demais, amplamente espaçadas entre si. Podem ser descritas resumidamente da seguinte forma: (1) uma delas leva ao Niflheim, uma espécie de inferno frio, úmido e escuro, onde habita o lobo Fenris, e abaixo desta encontra-se a fonte da primavera chamada de Hvergelmir, junto à serpente Nidhug, que se alimenta continuamente da raiz; (2) leva à terra dos gigantes congelados, Jotunnheim, cuja cidade principal chama-se Utgard; abaixo desta raiz acha-se a fonte da sabedoria, guardada pelo gigante Mimir; (3) leva à terra dos deuses abaixo da qual acha-se a fonte sagrada de Urd, assistida pelas três deusas do destino ou parcas, segundo a mitologia romana.

Nos galhos da árvore, quatro cervos alimentam-se de brotos. Representam os quatro ventos ou quatro elementos. Pousada no galho mais alto há uma águia e, entre seus olhos, um falcão<sup>1</sup>. Um esquilo sobe e desce a árvore, levando mensagens que geram conflitos entre a águia e a cobra anteriormente citada.

Esta árvore da vida da tradição escandinava denomina-se *Yggdrasil*, e representa o poder de Ygg ou Odin, o rei dos deuses, o qual, segundo a lenda, teria permanecido pendurado à mesma durante nove dias.

### A "árvore-bodhi"

Entre os budistas era costume associar um buda a uma árvore, da mesma forma que gregos e romanos com relação a plantas. Nas manifestações da arte, a mais conhecida era a pipala (*Ficus religiosa*), sob a qual Sáquia-Muni, ou Gautama, o Buda histórico, foi iluminado.

Esta árvore juntamente com as suas correlatas, a *Ficus indica* e a *benghalensis*, são provavelmente as maiores plantas que se conhece devido seus galhos crescerem continuamente, muito mais que os das outras árvores. Suas raízes são tão grossas que se parecem com troncos. Uma só destas árvores vale, simbolicamente, por uma floresta inteira. Não é de surpreender o fato dos budistas a considerarem a árvore da vida.

### As três sementes

De acordo com a lenda, quando Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, levaram consigo (ou segundo uma outra lenda, enviaram) seu terceiro filho, Seth, aos portões do mesmo a fim de apanhar três sementes da árvore da vida.

**1 Em outras culturas também há relatos de mitos que associam pássaros a árvores. Veja, por exemplo, à pág. 44, a lenda existente sobre a erva-de-passarinho.**

Dessas sementes, cresceram árvores que forneceram: (1) a madeira para o cajado de Moisés; (2) o ramo que foi usado para tornar doces as águas de Marah; (3) a madeira usada na construção do templo de Salomão; (4) a madeira usada para fazer o banco no qual sentaram-se as sibilas ao profetizarem a vinda do Messias; (5) a madeira para a cruz de Cristo.

Esta lenda acha-se representada num quadro acima do altar de uma igreja em Leyden, Holanda.

### **O homem arquetípico**

É interessante notar que os cabalistas sempre representam o homem arquetípico em sua árvore da vida. Também afirmam ser a cruz de Cristo chamada de árvore (*Atos*, V, 30; *Atos*, X, 39; *Gálatas*, III, 13; *Pedro*, II, 24).

Diz a lenda que Zoroastro foi suspenso numa árvore e chamado de *luz gloriosa* dessa árvore. Tanto Adônis da Síria como Atis da Frígia, eram associados à vegetação.

Osíris, deus da vegetação do antigo Egito, foi morto por sepultamento em uma caixa que eventualmente se alojou em um pé de acácia ou tamarga. Krishna, suprema encarnação de Vishnu, na mitologia hindu, foi morto por uma flecha que o deixou preso a uma árvore.

Já mencionamos Odin. Há numerosos exemplos de associação de deuses encarnados e sacrificados e árvores, na mitologia de todos os povos conhecidos.

### **Elementares e dementais (*espíritos das árvores*)**

A maioria dos que são realmente versados em ocultismo sabem perfeitamente qual a diferença existente entre *elementares* e *elementais*. O primeiro termo designa assombrações ou aparições fantasmagóricas de espíritos que se encontram num estágio atrasado, no qual permanecem por algum tempo, antes de passarem a níveis mais elevados. Neste caso incluem-se os fantasmas ou visões ocorridas e as entidades que costumam assombrar casas velhas ou abandonadas.

Já os dementais, pelo contrário, são espíritos da natureza. Pertencem a uma classe inferior a dos anjos e não são imortais, podendo vir a sê-lo segundo a tradição, desde que convivam com seres humanos.

Há seis classes principais: os *gnomos*, ou espíritos da terra; as *ondinas* ou ninfas das águas; as *súfides* ou graciosas criaturas do ar;

**1** Mais relatos sobre classes não inseridas nesta obra podem ser encontrados nas páginas 110 e 111 do livro de W.B.Crow: *História da Magia, Feitiçaria e Ocultismo*, Londres, 1968.

as *salamandras*, do fogo: as *dríades*, ou ninfas dos bosques; e os *faunos*, elementais do reino animal. Trataremos aqui apenas das dríades, elementais dos bosques.

Nos tempos clássicos acreditava-se que toda árvore fosse habitada, ou de certa forma, estivesse relacionada com um desses espíritos ou ninfas, os quais morriam juntamente com a árvore. Estas ninfas eram chamadas de *hamadríades*. Frequentemente o povo do campo fazia oferendas de leite, azeite e mel, e as feiticeiras, vez por outra, sacrificavam cabras em sua honra.

Alguns grupos de ervas também incluíam suas dríades, distintas daquelas existentes nas árvores, provavelmente as *oriades* e as *napéias* que dominavam as montanhas, colinas e vales, respectivamente.

### **Metamorfose**

Na mitologia clássica, os seres humanos, à vezes, eram transformados em animais ou plantas. Isto sem dúvida, refere-se a uma mudança a nível psicológico, e o ser vivente em particular, no qual a vítima era transformada, certamente corresponderia à propriedade oculta envolvida.

Em *Metamorfose*, obra de Ovídio, há inúmeras citações sobre esse tipo de transformação. Com respeito àquelas do reino vegetal, podemos citar a ninfa Dafne, transformada em loureiro para escapar aos avanços de Febo, Siringe transformada em bambu para fugir à luxúria de Pan. O jovem Narciso, que para evitar o sexo oposto, especialmente a fofoqueira ninfa das fontes e florestas, Eco, transformou-se na flor de mesmo nome.

Clítia, ninfa abandonada pelo Deus Sol, foi transformada em girassol, e daí, provavelmente, sua posição inclinada na direção do astro-rei. Adônis, amante de Vênus, ferido por um javali, foi transformado por Astarte num pé de mirra, por ter cometido incesto com seu próprio pai.

Entretanto, acreditava-se existir antídotos para tais transformações. Por exemplo, na *Odisséia* de Homero, o herói usa amóli, uma planta do gênero da cebola (*Allium*) para fazer seus companheiros — transformados em porcos por Circe — recuperarem a forma humana. O alho, outra planta do mesmo gênero, foi utilizada mais tarde contra vampiros.

### **A bernaca**

A metamorfose, na mitologia, prenunciou a descoberta do mesmo tipo de processo existente na natureza, como, por exemplo, a transformação do girino em sapo.

Em credíces que perduraram até meados do século XVII, citam-

-se casos de metamorfoses imaginárias, nas quais, por exemplo, os pinheiros próximos às regiões costeiras do norte e oeste da Escócia e Irlanda, geraram um tipo de percevejo conhecido como bernaca, que se transformavam nos gansos selvagens de mesmo nome.

Há realmente uma grande semelhança — embora superficial — entre os membros de um percevejo bernaca e as pernas de um pássaro.<sup>1</sup> Para estudantes do ocultismo, não há razão alguma para a não existência dessa afinidade, entre árvore, ganso e bernaca, apesar de não haver nenhuma metamorfose física e os mesmos pertencerem a tipos de estruturas completamente diferentes e, portanto, a diferentes domínios da natureza.

#### Alfabeto da árvore druídica

Já vimos que na mitologia havia grande número de plantas especialmente dedicadas a deuses. Na mitologia céltica, havia uma lista de deuses com suas árvores correspondentes. A *batalha das árvores* é um desses mitos. As árvores eram consideradas quase como totens das tribos.

O alfabeto gálico original também apresentava correspondência com essa lista de árvores. Era constituído de dezessete letras. A letra H foi acrescentada posteriormente (o *Uath* ou espinho-branco). Sua seqüência é a seguinte: BLNFS(H)DTCMGPRAOUEI, sendo cada letra representada pelo nome de uma árvore.

Atualmente, o alfabeto apresenta seqüência diferente, algo como (em galês): Ailm, Beite, Coll, Dur, Eagh, Fearn, Gath, Huath, Togh, Luis, Muin, Nuin, Oir, Peith, Ruis, Suie, Teine, Ur.

As árvores correspondentes são: olmeiro, bétula, aveleira, carvalho, álamo, amieiro, hera, espinheiro, teixo, sorveira-brava, videira, freixo, evônimo, pinheiro, sabugueiro, salgueiro, tojo e urze.

## 11/ Cascas e madeiras

Muitas das cascas e madeiras usadas na medicina denotam suas propriedades curativas através do cheiro característico a cada uma delas, como é o caso da canela antilhana, canela-do-ceilão, cascarilha das Bahamas, cássia da Indochina, sassafrás e olmo dos Estados Uni-

<sup>1</sup> Um relato completo sobre o assunto pode ser encontrado na obra de E.Heron-Allen, *Bernacas na Natureza e Mitologia*, Londres, 1928.

dos, e muitas outras. Tais cascas e madeiras provêm de diferentes famílias, mas a canela-do-ceilão e a cássia relacionam-se à do loureiro.

### **Inodoras**

Diversas são as famílias cujas cascas não apresentam aroma. Neste caso incluem-se as famílias da romã, da cerejeira silvestre, viburno, cascara sagrada, chinchona, e da hamamélis. O viburno não está relacionado com o pilriteiro e sim com a família das caprifoliáceas. A chinchona, nativa da América do Sul — na região norte do Brasil, por exemplo, é abundante —, produz o quinino.

A hamamélis, por sua vez, relaciona-se com sua própria família (Hamamelidáceas), das rosas. Sua denominação deriva do fato de seus ramos serem freqüentemente usados como varinhas de condão. É, todavia, o formato e não a madeira utilizada que ajuda o rabdomante. O material com o qual a varinha é feita não tem qualquer relevância, e pode ser mineral, vegetal, ou animal, pois a faculdade de detectar coisas depende de movimentos musculares inconscientes do homem.

Diz-se que a casca do videiro, se usada por alguém, a todo momento, protegia contra encantamentos, ao passo que a do salgueiro evitaria visões. Diz-se que a casca da espécie *Eucalyptus* é chamada popularmente de "cascadura".

### **Madeiras**

Voltando às credices populares, ocorre-nos uma pergunta interessante sobre o tipo de madeira utilizada na construção da cruz de Cristo. Afirma-se comumente que foi usado o álamo devido — segundo os poetas — às folhas destas árvores apresentarem um certo movimento vibratório, característica física do sentimento de temor.

Uma hipótese diferente, aventada por Sir John Mandeville, falecido em 1372, na coletânea de contos escrita durante a viagem realizada um ano antes de sua morte, alega ser a cruz de Cristo composta de quatro tipos de madeiras: a peça perpendicular seria de cipreste, a transversal de palmeira, a base de cedro, ao passo que a tableta com a inscrição, de oliveira. Ele justifica sua tese com base na durabilidade das madeiras empregadas.

Outra lenda diz terem as madeiras vindo de diversos lugares do mundo. Dessa maneira, segundo a mesma, a cruz simbolizaria a compreensão tanto no espaço como no tempo. Outros acreditam que a erva-de-passarinho — outrora uma enorme árvore — foi punida e reduzida ao tamanho de um arbusto parasita devido ter sido usada para construir a cruz de Cristo.

Vários escritores clássicos, inclusive Shakespeare,<sup>1</sup> afirmam que Judas Escariotes enforcou-se num sabugueiro após ter traído a Jesus. Esta planta era comumente cultivada em canteiros de jardins com o objetivo de afastar feiticeiras e bruxas, as quais, se agarradas, seriam coroadas de espinhos da planta.

As betuláceas, aveleira e sabugueiro eram preferidas para a construção de baguetes ou varinhas mágicas bifurcadas com a forma de Y. Para essa finalidade, a hamamélis era também muito usada.

### **Madeiras de grande durabilidade**

Certas madeiras apresentam enorme resistência às intempéries, como é o caso da *Erythrina glauca*, pertencente à família da ervilha, que por essa propriedade foi cognominada de "madeira imortal". Apesar de sua grande resistência, não apresenta dureza. A madeira do junípero é imune aos vermes e parasitas, o cedro às mariposas e aranhas, enquanto que o amieiro, a murta e o teixo repelem as pulgas.

É oportuno lembrar que a madeira, exceto em plantas herbáceas e arbustos recém-plantados, constitui-se do *alburno*, ou parte viva, e do *cerne*, que é a parte morta. Esta contudo é tão importante para a planta como o esqueleto para o animal. É lógico que o cerne é mais resistente e usado na fabricação de inumeráveis artigos. Apresenta coloração mais viva que o alburno.

A madeira das Monocotilédones é totalmente diferente da madeira das Dicotilédones. A das Gimnospermas (Coníferas), pela ausência de veios, é considerada como mais evoluída biologicamente.

Os bambus são gramíneas, sendo exemplos de caules Monocotilédones. São usados na fabricação de diversos objetos e, assim como a gramínea, contêm sílica. A solidificação dessa substância presente na espécie *Bambusa arundinacea*, o nosso popular *bambu*, foi muito usada na medicina popular para a cura de várias enfermidades.

O tabaco era freqüentemente aromatizado e para essa finalidade usavam-se recipientes de madeira, feitos de cedro e junípero. Em vista disso, dizia-se que o sabor do tabaco dependia muito mais da mistura adequada entre os odores da madeira usada para o fabrico das caixinhas e o tabaco, do que propriamente da qualidade deste último.

### **Madeiras com propriedades medicinais**

As madeiras utilizadas em medicina incluem o sassafrás aromático e o sândalo, a quássia amarga, o guáiaço, o campeche, e outras.

O alburno da madeira do guáiaço é amarelo, enquanto o cerne,

**1** Em *Love's Labour's Lost*.



cor marrom-esverdeada, é muito encontrado nas índias Ocidentais. A "red sanders", nativa das Filipinas e Sul da Índia, apresenta alburno cor-de-rosa, enquanto seu cerne é avermelhado.

A campeche, da qual somente o cerne é utilizado, apresenta coloração púrpura e é nativa da América Central. A "sappan", originária da Índia e Ilhas Malásias, apresenta alburno branco e cerne alaranjado.

## 12/ Resinas e bálsamos

A **mucilagem** é obtida pela evaporação de uma seiva vegetal sendo insolúvel em álcool ou éter. Como se sabe, são muito usadas como adesivos já que formam soluções viscosas em contato com a água. As plantas produzem a **goma** para, especificamente, recompor alguma parte de seu caule. É como um de processo de cicatrização apresentado pelas plantas contra danos de insetos, vento, etc. Tanto a mucilagem como a goma são consideradas **resinas** no sentido amplo da palavra. As resinas são usadas na medicina como calmantes brandos e facilitam a suspensão de drogas menos solúveis em água. Entre as resinas incluem-se a goma-arábica, a alcatira e a goma de alfarroba. Outras são muito empregadas em trabalhos de magia. O látex da cereja, por exemplo, foi largamente usado com a denominação secreta de "cérebro" em muitas fumigações mágicas.

### Gomas

Neste tópico incluímos certas resinas, tais como a Malabar, nativa das índias Orientais, extraída do **Pterocarpus**, cujas denominações mais populares são goma vermelha ou goma de eucalipto. Podemos citar ainda a goma de Bengala, extraída da **Butea**, planta da família das ervilhas.

A única resina que sabemos ter sido usada em trabalhos de magia, é a seiva de **aloés** desidratada, a qual é obtida a partir das enormes folhas dessa planta da família das Liliáceas. Era empregada como ingrediente na elaboração de fumigações mágicas dedicadas ao Sol, à Lua e aos planetas benfazejos, Vênus e Júpiter.

### Resina vegetal

Entre as plantas que produzem este tipo de substâncias podemos enumerar: o gálbano, olíbano, mirra, bdélio, amoníaco, goma-guta e a assa-fétida. Todas são largamente utilizadas para fins medicinais.

A assa-fétida caracteriza-se por seu odor penetrante e intenso, do tipo aliáceo, sendo oriunda de uma espécie de *férula* da família das cenouras. Era utilizada na magia e como uma espécie de condimento, na antiga Pérsia. Mesmo como tempero, acreditava-se que possuía notáveis propriedades ocultas, daí sua denominação popular de "alimento dos deuses".

A mirra, proveniente do nordeste da Ásia, apresenta odor aromático característico, tendo sido usada em embalsamentos, e, em virtude dessa prática, simbolizava a morte. Na magia era usada em rituais dedicados a Saturno, planeta do infortúnio. O bdélio, também nativo de regiões ocidentais, era usado em rituais dedicados a Marte, planeta da sorte.

Juntamente com o *haoma*, já visto, era usado em vários cultos pelos parses. Estes também usavam folhas de palmeiras e ramos da romã, e a princípio, feixes de ramos resinados de *barsam*, os quais foram substituídos por feixes de fios. Os próprios parses não identificaram claramente a planta da qual se originava os ramos de barsam.

Parece-nos que pertenciam à família das mirras (Burseráceas) e podem ter sido do mesmo gênero da mirra (*Commiphora*).

### **Dádivas usadas em magia**

Os magos, ou sábios, que visitaram o pequeno Jesus, ofereceram-Lhe ouro, olíbano e mirra. Diz-se que o ouro representa Sua Dignidade Real, o olíbano, Sua missão na Terra, e a mirra, a morte e ressurreição.

Na Antigüidade, ouro e olíbano eram oferecidos em lugares tão diversos quanto China e Peru, por exemplo, a soberanos sacerdotais. A mirra era usada no antigo Egito para embalsamar corpos a fim de prepará-los para a ressurreição futura.

Devemos ressaltar que no Velho Mundo, judeus e cristãos praticavam a mumificação tal como os habitantes do Novo Mundo. O corpo de Jesus, ao ser retirado da cruz, foi untado com unguentos, por São José de Arimatéia e São Nicodemos "segundo a tradição judaica" (*João*, XIV, 40).

Estes discípulos usaram não menos que 45 kg de mirra e aloés. Este último, provavelmente não se trata da seiva desidratada abordada aqui anteriormente e ainda em uso pela medicina, e sim de uma resina vegetal extraída da árvore-águia indiana (*Aquilaria agallocha*), uma dicotilédone perfumada cuja afinidade não se sabe ao certo.

### **Resinas**

Em sentido restrito, resinas são produtos vegetais solúveis em

álcool, éter e óleos etéricos, mas não em água. A sandáracá, a benzoína, a resina de coloração avermelhada e o lentisco são obtidos simplesmente através de incisão no caule da árvore. O breu e a aguarrás são preparados a partir de líquidos residuais, sendo estes a parte sedimentada.

O lentisco era usado em rituais de magia relacionados ao planeta Mercúrio. A resina "sangue-de-dragão", assim chamada devido a sua cor vermelha, também era usada com o sentido oculto de "sangue". O lentisco é proveniente de uma espécie de *pistácia*, da família do caju, nativa das regiões mediterrâneas.

Os frutos de uma palmeira, a *Daemonorops*, produzem uma resina de cor avermelhada. Seu aspecto é cristalino, em pedaços com vários centímetros, de uma cor vermelho-escuro, geralmente é pulverizado. Um outro tipo de resina semelhante era obtido dos troncos pertencentes ao gênero do dragueiro (*Dracaena*). É colhida através de pequenas gotas, à semelhança do látex da seringueira. São plantas tropicais.

### O incenso em cultos

O benjoim é obtido a partir de incisões feitas no caule da *estoraque*, sendo a resina o resultado desses cortes. São plantas nativas, e cultivadas em Sumatra e Sião. Têm grande afinidade com o ébano. Visto que o benjoim e olíbano são os principais ingredientes usados na preparação dos incensos utilizados em cultos, aproveitamos o ensejo para acrescentar algumas observações pertinentes ao assunto, certos fatos relativos a assuntos já tratados anteriormente.<sup>1</sup>

Em praticamente todos os cultos religiosos, exceto alguns protestantes e muçulmanos, o incenso era um componente fundamental do ritual. Entre os hebreus essa prática era prescrita por Deus (*Êxodo*, XXX, 1, 5), e havia um altar especialmente destinado à queima diária do incenso.

Embora os primeiros cristãos se negassem a oferecer incenso às divindades da Roma pagã, usavam-no às escondidas, em seus cultos. Há referências sobre essa prática no *Apocalipse* de São João e nas obras de Orígenes. Escritores materialistas, tais como Maimonides, afirmavam ser o incenso uma substância neutralizante dos odores do corpo, mas, embora possa ter esse efeito, tal não é sua finalidade esotérica, a qual, segundo Leadbeater<sup>2</sup>, é: (1) o simbolismo da ascensão de quem reza; (2) a difusão da influência divina; (3) uma demonstração de respeito; e (4) o efeito de purificação.

Leadbeater prossegue afirmando que a presença das fumaças

<sup>1</sup> Veja pág. 51.

<sup>2</sup> C. W. Leadbeater: *A Ciência dos Sacramentos*, Madras, 1929.

do incenso - devido àquilo que denomina de "taxa de ondulação" - é favorável às vibrações espirituais evitando, entretanto, quase todas as vibrações negativas. Menciona ainda a propriedade magnetizante — segundo ele — desempenhada pelo sacerdote no sentido de gerar um estado catártico de conexão com forças de planos mais elevados.

### **O incensório**

O incenso era utilizado pelos antigos egípcios, hindus, budistas, gregos e romanos. No lamaísmo, o turíbulo ou incensório, recipiente no qual queimava-se o incenso, é parecido com aquele utilizado pela Igreja Católica Ocidental. Entretanto, há uma infinita variedade de turíbulos, freqüentemente feitos de metal precioso. O formato preferido era o de algum pássaro. Essa forma simbolizaria o ar, como o incenso em si mesmo, sendo a idéia mestra a inclusão necessária de todos os quatro elementos, durante a cerimônia: a água benta que inclui sal e água, o primeiro representando a terra, as chamas da vela e do carvão simbolizariam o fogo, enquanto o vapor do incenso, o ar.

No *Êxodo*, XXX, 34, Moisés descreve a fórmula para a preparação de um bom incenso. Entram ingredientes tais como gálbano e olfbano, e diversas outras substâncias difíceis de serem identificadas.

### **Óleos de resinas**

Os óleos de resinas são substâncias intermediárias entre as resinas e óleos, propriamente ditos. São bálsamos no sentido lato do termo e obtidos através de cortes, e em alguns casos, como no bálsamo do Peru, e do estoraque, mediante incisões feitas no caule da planta. O líquido espesso após as incisões passa gradualmente ao estado sólido.

Os bálsamos usados nos países do Ocidente, para a cerimônia da Crisma, são geralmente de seis tipos diferentes, e no Oriente, de aproximadamente trinta e seis. Devem conter pelo menos um elemento constituinte, tecnicamente um bálsamo no sentido amplo do termo, que inclui resinas vegetais, resinas e óleos de resinas.

São óleos de resinas: o bálsamo do Peru, de Tolu e do Canadá, nativos do Novo Mundo, portanto, desconhecidos dos primeiros cristãos. O estoraque, planta do gênero *Liquidambar*, da família das Hamamelidáceas, e provavelmente de origem turca, também era usado em cerimônias mágicas dedicadas à Lua.

### **Óleos**

Estes incluem os *óleos fixos*, denominados de gorduras, se no estado sólido sob determinadas temperaturas, e as substâncias quimicamente diferentes, os *óleos essenciais* que contêm elementos volá-

teis e são responsáveis pelos odores perfumados de inúmeras flores.

A cânfora é obtida pela destilação de óleo proveniente do caule da planta do gênero da canela (*Cinnamomum*), pertencente à família do loureiro. Era usada nas cerimônias de magia dedicadas à Lua. O óleo do cravo é obtido a partir dos botões de flores de uma planta (*Eugenia*), pertencente à família da murta. Era utilizada em rituais de magia dedicados ao planeta Mercúrio.

O azeite de oliveira também foi bastante empregado. No Velho Testamento (*Êxodo*, XXX, 23-24), o óleo da consagração continha em sua composição — segundo relatos — mirra, canela, cálamo, cássia e oliveira.

No trecho do Novo Testamento em que Maria Madalena aproxima-se de Jesus e unta-Lhe os pés — e são feitas inúmeras críticas ao seu gesto — Este explica aos presentes que ela O consagrara para Seu sepultamento. A consagração consistia de um precioso óleo de nardo guardado em recipientes de alabastro.

Se a transcrição do aramaico estiver correta, o espicanardo, planta usada no preparo do óleo que untou os pés de Cristo, é uma planta da família da valeriana, gênero *Nardostachys*, e suas duas espécies são nativas do Himalaia. Seu princípio ativo origina-se das raízes aromáticas (parte subterrânea do caule).



# índice remissivo

- acupuntura, 22
- adivinhação com maçãs, 18
- afrodisíacos, 32-34,45
- algas, 10
- algas-marinhas, 10-11
- alquimia, 35
- angiospermas, 12
- arbustos, 9, 44
- arroz, 14, 29
- "árvore-bodhi", 53, 57
- árvore cabalística da vida, 56, 58
- árvore da vida escandinava, 56
- árvores, 9, 19, 42, 4748, 56, 58
- astrologia, 38-43
- aveia, 14, 15
  
- babelônios, 20-21
- Baco, 19, 27, 53
- botanomancia, 46
- budismo, 19, 35, 57
  
- cânfora, 32
- cânhamo indiano, 30-31
- cascas, 60-63
- centeio, 14, 15
- cereais, 14-16, 27-29
- Ceres, 15-16, 27, 53
- cerveja, 28
- chá 19-20
- cocaína, 31-32
- crístãos nestorianos, 50
  
- Dionísio, 27, 48
- dicotilédone, 12-13, 23-24
- domingo do "carling", 17
- doutrina das características, 23
- drogas vegetais, 28-33
- druidas, 19, 20, 44, 49, 60
  
- egípcios, 20-21, 52, 53, 56
- elementais, 58-59
- elementares, 58
- elixir da juventude, 35
- entrenós, 10
- erva-de-passarinho, 20, 44
- ervas
  - lunares, 41
  - na profecia, 46
  - solares, 40
  - tratamentos com, 23-25
- espírito do milho, 14
- esporos, 11-12
- estricnina, 33, 34
  
- feijão, 16
- feitiçaria, 47
- fertilidade, 19, 45
- fotossíntese, 10-11
- Frazer, Sir James, 14
- fungos, 11
  
- geração espontânea, 37
- gimnospermas, 12
- glandes, 17, 42
- Goethe, 9
- gomas, 63
  
- Hahnemann, Samuel, 26
- haxixe, 31
- hebreus, 19, 20-21, 56
- hindus, 20-21, 35, 56
- homeopatia, 26
- homem arquetípico, 58
  
- incenso, 51, 65
- intinção, 50-51
  
- licor de pêras, 28
- linho, 52
- liquens, 11
  
- maçã, 28
  - culto à, 17-18
  - sortilégios com, 18
- madeira, 60-63
  - imortal, 62
  - medicinal, 62-63
- mescalina, 30-31
- metamorfose, 59
- milho, 14
- mistérios
  - crístãos, 49
  - de Elêusis, 16, 48
- mitos, 15, 16, 56-60

monocotilédones, 12, 23-25  
moxa, 22

nós, 10

óleos, 66-67  
sagrados, 51-52  
ópio, 30

painço, 14, 28-29  
palingenésia, 36-37  
plantas  
e os planetas, 39-42  
famílias das, 24-25  
na feitiçaria, 47  
zodiacais, 42-43  
plantas que curam, 24-25  
plantas vivazes  
arbóreas, 42  
herbáceas, 41-42  
poções mágicas do amor, 45

rauwolfia, 22

rei e rainha do feijão, 16  
relógio floral, 39-40  
resinas, 64-65  
óleos de, 66  
vegetais, 63-64  
rituais com frutos, 19  
rosa-cruzes, 44-45

samambaias, 11  
sidra, 18, 28  
símbolos, 53-56  
da virtude, 54-55  
de santos, 54  
dos deuses, 53  
simpatias mágicas, 13  
Sociedade Antroposófica, 21, 26  
Steiner.Dr.Rudolf, 21

tabaco, 29-30, 45  
teosofia, 14-15  
tisanas, 20  
trigo, 14, 15

zen-budismo, 19



Procure nas livrarias outros livros desta série

<b>INTRODUÇÃO À CABALA MÍSTICA</b>	<i>Alan Richardson</i>
<b>OS CHACRAS</b>	<i>Peter Rendel</i>
<b>CROMOTERAPIA - A CURA PELAS CORES</b>	<i>Mary Anderson</i>
<b>NUMEROLOGIA</b>	<i>Mary Anderson</i>
<b>QUIROMANCIA</b>	<i>Mary Anderson</i>
<b>PROPRIEDADES OCULTAS DAS ERVAS &amp; PLANTAS</b>	<i>W. B. Crow</i>
<b>USO MÁGICO DAS PEDRAS PRECIOSAS</b>	<i>W. B. Crow</i>
<b>PODER PSÍQUICO DA HIPNOSE</b>	<i>Simeon Edmunds</i>
<b>PRÁTICA DA MAGIA RITUAL</b>	<i>Gareth Knight</i>
<b>PRÁTICAS E EXERCÍCIOS OCULTOS</b>	<i>Gareth Knight</i>
<b>COMO DESENVOLVER A PSICOMETRIA</b>	<i>W. E. Butler</i>
<b>COMO DESENVOLVER A CLARIVIDÊNCIA</b>	<i>W. E. Butler</i>
<b>COMO LER A AURA</b>	<i>W. E. Butler</i>
<b>INTRODUÇÃO À TELEPATIA</b>	<i>W. E. Butler</i>
<b>REENCARNAÇÃO - REVELAÇÃO DE OUTRAS VIDAS</b>	<i>J. H. Brennan</i>
<b>USO MÁGICO DAS VELAS E SEU SIGNIFICADO OCULTO</b>	<i>Michael Howard</i>
<b>A MAGIA DAS RUNAS</b>	<i>Michael Howard</i>
<b>VIAGEM NO TEMPO</b>	<i>Colin Bennett</i>
<b>A ANTIGA ARTE DE CURA ESPIRITUAL</b>	<i>Eric Maple</i>
<b>A ANTIGA ARTE DA RABDOMANCIA</b>	<i>Robert H. Leftwich</i>
<b>ASTROLOGIA</b>	<i>Preston Crowmarsh</i>
<b>SONHOS - SEUS MISTÉRIOS REVELADOS</b>	<i>G. A. Dudley</i>
<b>LEVITAÇÃO</b>	<i>Steve Richards</i>
<b>INVISIBILIDADE</b>	<i>Steve Richards</i>
<b>INCENSO</b>	<i>Leo Vinci</i>
<b>PRÁTICA DA MEDITAÇÃO</b>	<i>Charles Bowness</i>
<b>IOGA PSICOSSOMÁTICA</b>	<i>Jonn Mumford</i>
<b>COMO ENTENDER O TARO</b>	<i>Frank Lind</i>
<b>INTRODUÇÃO AO I CHING</b>	<i>Tom Riseman</i>
<b>GRAFOLOGIA</b>	<i>Peter West</i>
<b>TEORIA &amp; PRÁTICA DA PROJEÇÃO ASTRAL</b>	<i>Anthony Martin</i>
<b>MEDITAÇÃO TRANSCENDENTAL</b>	<i>Robert Hollings</i>
<b>SEU TALISMÁ PESSOAL</b>	<i>Noud V. D. Eerenbeemt</i>
<b>RADIESTESIA - MANUAL DO PÊNDULO</b>	<i>Jack F. Chandu</i>
<b>CURA PELAS MÃOS</b>	<i>Jack F. Chandu</i>

ou utilize o nosso serviço de reembolso postal  
01051 - Caixa Postal 9686 - São Paulo - SP

**W. B. CROW**

**PROPRIEDADES  
OCULTAS DAS**

# **ERVAS & PLANTAS**

**Seu uso mágico e simbolismo astrológico  
O ritual das plantas e suas poções mágicas**

**Acônito, cálamo, potentilha e estramônio.  
Uma inocente lista de plantas.**

**Ervas comuns. . . mas, combinadas à cicuta e à beladona transformam-se — de aparentemente inofensivas — nos principais ingredientes de uma receita sinistra para o preparo de terríveis poções utilizadas pelas bruxas em tempos medievais.**

**Venenos, poções, panacéias, afrodisíacos e drogas; rituais secretos pagãos e mistérios cristãos. Não há um só instante na vida de um ser humano — tanto do ponto de vista religioso quanto esotérico — em que as ervas não tenham desempenhado papel importante, quer para o Bem, quer para o Mal.**

**Os fascinantes segredos dos campos e cercas vivas foram desvendados e são aqui revelados num estilo claro e vibrante.**